

SEMINÁRIO



Montanhismo de mínimo impacto Complexo do Baú

Junho 2009



FEDERAÇÃO DE MONTANHISMO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Seminário

Montanhismo de Mínimo Impacto no Complexo do Baú

FEMESP - FEDERAÇÃO DE MONTANHISMO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Presidente

» Silvério José Nery Filho

Vice-Presidente

» Mariana de Paula Souza Zuquim

Tesoureiro

» Karina Sayuri Imamura

Secretária

» Jussara Jantalia Nery

Diretor de Meio Ambiente

» Milton Dines

Diretor Técnico

» Samanta Chu

Organização do Seminário

Coordenação geral

» Milton Dines

Comissão organizadora - São Paulo

- » Jussara Jantalia Nery
- » Karina Sayuri Imamura
- » Mariana de Paula Souza Zuquim
- » Neusa Vedovato
- » Pedro Refinetti Rodrigues Martins
- » Tomás Grid Papp

Comissão organizadora - São Bento do Sapucaí

- » Beth Frechou
- » Eliseu Frechou

Agradecimentos

Casa de Cultura Miguel Reale

» Beatriz P. Lomonaco

Palestrantes do primeiro encontro

- » Fabio Cascino - Clube Alpino Paulista
História do Montanhismo e da Escalada no Complexo do Baú
- » Roberto Luis Sponchiado - São Bento do Sapucaí
Aspectos Geológicos da Degradação Ambiental na Pedra do Baú
- » Mônica Filipini - São Bento do Sapucaí
Escalada e conservação da vegetação em paredes rochosas
- » Paulo de Tarso Moreira - Secretário de Turismo de São Bento do Sapucaí
Ecoturismo no Complexo do baú
- » Bernardo Collares - Federação de Montanhismo do Estado do Rio de Janeiro
A experiência do Rio de Janeiro: Seminário de mínimo impacto na Urca
- » Sergio Poyares - Parque Estadual dos Três Picos - INEA / RJ
A experiência do Rio de Janeiro: Plano de Manejo para Escalada no Parque Estadual dos Três Picos
- » Pedro Refinetti Martins - Centro Excursionista Universitário
Regrampeação de vias no Baú
- » Eliseu Frechou - Montanhismus Escola de Escalada em Rocha
Perspectivas da escalada e do montanhismo no Complexo do Baú

Foto da Capa: Wesley Angelo Alberto



Carta de São Bento do Sapucaí

Montanhismo no Complexo do Baú

O Complexo do Baú, conjunto rochoso que compreende a Pedra do Baú, o Bauzinho e a Ana Chata, constitui local privilegiado para a prática da escalada em rocha, destacando-se para este esporte no Estado de São Paulo e figurando entre os principais pontos de escalada no Brasil. O Complexo atrai montanhistas brasileiros e estrangeiros que enfrentam o desafio de suas inúmeras vias de escalada. Ali, os amantes do montanhismo encontram também um conjunto de trilhas que não só propicia acesso aos seus atrativos, mas também oportunidades de lazer recreativo, como caminhadas e observação em ambiente de montanha. O local é freqüentado há mais de 70 anos por sucessivas gerações de montanhistas e assistiu à evolução da ética, das práticas e das técnicas de escalada em rocha.

A escalada é um esporte marcado por regulamentação própria, altamente focado na segurança e no bem-estar dos praticantes e do ambiente natural. O equipamento especializado e suas técnicas de utilização são normatizados por padrões internacionais, fiscalizados por organizações como a União Internacional de Associações de Alpinismo (UIAA) que também mantém um conjunto próprio de princípios de ética, amplamente difundido entre as associações de escaladores em todo o mundo e, como não poderia deixar de ser, fundamenta os princípios éticos e os procedimentos dos montanhistas brasileiros. Atualmente, o montanhismo brasileiro vem se esforçando para forjar uma normatização nacional para a formação de praticantes, através da edição de normas técnicas e padronização de procedimentos de formação e treinamento para o esporte. A preocupação e o envolvimento dos montanhistas brasileiros na conservação dos ambientes de montanha em geral e dos locais onde se pratica o montanhismo e a escalada em particular também é inspirada pelas práticas de colegas em todo o planeta.

Neste panorama, o Complexo do Baú apresenta forte valor simbólico para os montanhistas brasileiros, por ser território livre e privilegiado para o esporte, destino natural para escaladores e parte da história do montanhismo no país. No Baú, a escalada e o montanhismo sempre foram praticados de forma livre e auto-organizada, como é característica da atividade.

A organização deste Seminário reforça o comprometimento da comunidade de montanhistas do Estado de São Paulo com a conservação dos locais onde se pratica as modalidades do esporte, organizando um conjunto de recomendações com o objetivo de auto-regulação da atividade no Complexo do Baú, que se soma ao esforço para a divulgação e a evolução da atividade no Brasil.

Frente à inequívoca vocação da área para o montanhismo, os montanhistas aqui reunidos com a comunidade de São Bento do Sapucaí reafirmam seu comprometimento com a perpetuidade da atividade no local e com os esforços crescentes de conservação dos recursos naturais que conformam o Complexo do Baú como verdadeiro monumento natural aos esportes e atividades recreativas de montanha.

São Bento do Sapucaí, 20 de junho de 2009



Resumo Executivo

Montanhistas do Estado de São Paulo organizam proposta para a escalada e as atividades de montanhismo no Complexo do Baú

Após três meses de trabalho, conclui-se o Seminário sobre Montanhismo de Mínimo Impacto no Complexo do Baú. A iniciativa da FEMESP - Federação de Montanhismo do Estado de São Paulo pode ser considerada um marco para o montanhismo paulista.

Os participantes se empenharam para que o montanhismo nacional escale mais um grau no nível do esporte e na integração entre os montanhistas. Ficou evidente a preocupação e o esforço de todos para a melhoria da qualidade e da segurança das vias de escalada. Também ficou evidente o nível de comprometimento dos montanhistas com a conservação do ambiente natural, desde as trilhas de acesso até as vias de escalada.

O encerramento dos trabalhos foi realizado na Casa de Cultura Miguel Reale, o mesmo local onde se iniciou o Seminário, em 14 e 15 de março deste ano. A partir da primeira reunião, os vários tópicos e questões levantadas foram discutidos por três meses por intermédio de um fórum eletrônico. A reunião do último sábado foi organizada para a conclusão dos debates e para a elaboração dos documentos finais que estarão disponíveis para todos os interessados no *síte* da FEMESP e em outros meios.

A partir da setorização das três montanhas que constituem o Complexo do Baú, conhecidas como Bauzinho, Pedra do Baú e Ana Chata, foi possível estabelecer diretrizes e recomendações para a escalada, a regrampeação de vias e a conquista de novas vias. A metodologia utilizada foi baseada nas experiências de sucesso realizadas anteriormente pela Federação de Montanhismo do Estado do Rio de Janeiro, com resultados amplamente aceitos em locais como o Morro da Urca e o Parque Estadual dos Três Picos.

Entre os resultados do Seminário sobre Mínimo Impacto no Complexo do Baú encontram-se recomendações quanto ao estilo de conquistas, para manter a característica e o grau de comprometimento das escaladas e também quanto a abertura de novas vias, para evitar a degradação da vegetação em determinados setores, ou para evitar que sejam abertas novas rotas em setores que se encontram saturados. Entre os resultados de maior importância, foi criado um código de conduta para a escalada no Complexo do Baú que tem o objetivo de compatibilizar a ética do esporte com as necessidades de conservação da biodiversidade das paredes rochosas.

Para marcar a iniciativa e o comprometimento dos montanhistas com a sustentabilidade dos esportes de montanha no Complexo do Baú, o Seminário organizou um manifesto intitulado “Carta de São Bento do Sapucaí”, onde estabelece as bases para o montanhismo naquela área. Além disso, a organização do Seminário levantou a percepção dos montanhistas sobre o estado de conservação do Complexo, apresentando um relatório preliminar que indica os locais que necessitam de recuperação mais urgente e as necessidades básicas de comunicação e informação para que os visitantes possam conhecer a área com mais satisfação e segurança.

Este documento é composto de 3 partes, iniciando-se pela “Carta de São Bento do Sapucaí” como um prefácio que embasa e subsidia o conteúdo subsequente. A Parte I apresenta uma abordagem inicial da questão da acessibilidade e do uso público no Complexo do Baú. A Parte II constitui uma verdadeira auto-regulamentação para a atividade de escalada no Complexo, detalhando recomendações para a utilização das vias, novas conquistas, critérios para regrampeação e questões ligadas ao direto autoral das vias. Para evidenciar o alinhamento dos montanhistas brasileiros com as mais atualizadas tendências mundiais, o documento também apresenta o embasamento ético e técnico que nos filia às orientações da UIAA, a União Internacional de Associações de Alpinismo.

Seminário

Montanhismo de Mínimo Impacto no Complexo do Baú

Parte I

Acessibilidade e Condições gerais de visitação



Pedra do Ba u Bauzinho Ana Chata



FEDERA O DE MONTANHISMO DO ESTADO DE SÃO PAULO

São Bento do Sapucaí

JUNHO DE 2009



SUMÁRIO

Introdução	3
Contexto.....	3
Visitação Turística.....	3
a. Acessos	3
b. Escalada em Rocha.....	4
c. Trilhas	4
d. Bases das vias de escalada	5
e. Topo do Baú	5
f. Topo do Bauzinho.....	5
g. Sinalização.....	6
h. Acessibilidade para Portadores de Necessidades Especiais (PNEs).....	6

Foto da capa: Eliseu Frechou



Introdução

O Seminário sobre Montanhismo de Mínimo Impacto no Complexo do Baú reuniu os montanhistas que praticam escalada em rocha nesta verdadeira Meca do montanhismo paulista. Os freqüentadores mais assíduos demonstram grande envolvimento com o local, pelas suas características únicas. O texto a seguir apresenta um levantamento preliminar das condições desta área, de acordo com o ponto de vista deste público.

Contexto

Visitação Turística

O Complexo do Baú é atrativo turístico para visitantes provenientes tanto de São Bento do Sapucaí como de Campos do Jordão. A imagem da Pedra do Baú é associada a ambos os municípios, figurando como emblema de variados tipos de estabelecimentos comerciais e turísticos. O município de São Bento do Sapucaí, onde se situa o Complexo do Baú, ostenta em sua bandeira um desenho representando a Pedra.

As visitas ao Complexo foram muito facilitadas a partir do asfaltamento da estrada que liga São Bento do Sapucaí a Campos do Jordão. No caminho, a rampa de decolagem para vôo livre apresenta a primeira vista do impressionante conjunto rochoso. Muitos param neste local para apreciar a paisagem antes de prosseguir até o final. Entre os principais frequentadores do Complexo, destacam-se, pela assiduidade, os montanhistas e os praticantes de vôo livre.

A partir do estacionamento, os visitantes percorrem duas trilhas:

- i. a trilha que leva ao topo do Bauzinho;
- ii. a trilha que percorre a face sul do Bauzinho e da Pedra do Baú, dá acesso à escadaria sul, prosseguindo até a base da Ana Chata. Esta trilha também é utilizada como acesso a diversas vias de escalada.

a. Acessos

O Complexo conta com 3 acessos principais, porém utilizados por públicos diferentes e com diferentes intensidades de uso.

Acesso 1 - Estrada de acesso ao estacionamento do Bauzinho

- Intensidade de uso: moderada em geral a intensa nos feriados e férias de julho;
- Tipo de usuário: visitante interessado em recreação e lazer que busca o mirante do Bauzinho e o passeio pelas trilhas do complexo; Montanhista que busca o col do baú e as vias de escalada da face sul; Também utilizado pelo visitante ativo, apreciador de atividades de aventura que procura a escada para o topo face norte).

Cerca de 700 metros antes do estacionamento do Bauzinho, a rampa natural para decolagem de vôo livre reúne os praticantes de parapente (ou parapente - paraquedas dirigido para salto de montanhas), assíduos freqüentadores do local.

Os demais acessos estão na vertente norte do Baú, como segue:

Acesso 2 - Estacionamento de baixo, que dá acesso à Trilha do Chico Bento e

Acesso 3 - Restaurante



- Intensidade de uso: baixa a moderada.
- Tipo de usuário: montanhista que se dirige às vias de escalada da face norte do complexo e à Ana Chata. Também utilizado pelo visitante ativo, apreciador de atividades de maior intensidade física que percorre as trilhas do complexo, eventualmente dirigindo-se às escadas da face norte.

Situação atual:

- todos os acessos são livres;
- não há cobrança de ingressos;
- não há controle de entrada e saída de visitantes;
- não há controle sobre o tipo de atividade realizada nem sobre o destino de cada grupo;

b. Escalada em Rocha

Com altura de 450 m e altitude de 1950 m em relação ao nível do mar, o Complexo Rochoso da Pedra do Baú, formado pelo Bauzinho, Pedra do Baú e Ana Chata, é o mais importantes local para a prática do esporte de escalada em rocha no Estado de São Paulo. Inúmeros praticantes treinam e aperfeiçoam suas técnicas em suas paredes, que apresentam vias de vários níveis de dificuldade. Na região, é possível encontrar guias e instrutores que ministram cursos básicos ou de aperfeiçoamento.

O acesso às vias de escalada pode ter início tanto pelo estacionamento do Bauzinho, quanto pelo sopé do Baú. O acesso ao sopé do Baú é feito pela estrada que une São Bento de Sapucaí ao Paiol Grande, virando a primeira à direita na estrada de terra e orientando-se pelas placas. São 8 quilômetros de asfalto e 3 quilômetros de terra. Este acesso, conhecido por estacionamento de baixo, é mais utilizado pelos praticantes de escalada que se dirigem à face norte da Pedra do Baú e do Bauzinho. É nesta face norte que se encontra a maior parte das vias de escalada.

c. Trilhas

É importante distinguir três tipos de trilhas:

I. Trilhas que são usadas para atingir o complexo

- **Trilha do Chico Bento** - acesso à Ana Chata - e
- **Trilha da Face Norte do Baú** - sai do restaurante levando às escadas da face norte do Baú e Bauzinho.

Ambas são bem utilizadas, mas a segunda recebe mais gente. As estradas de acesso estão razoáveis, permitindo chegar com carros de passeio. Não foi possível obter informações quanto ao estado de conservação destas trilhas.

II. Trilhas que ligam uma montanha à outra, eventualmente dando acesso a algumas escaladas

- Trilha do Cume do Bauzinho

Estado de conservação: estado razoável, porém necessita de recuperação em cerca de 70% dos trechos com solo e vegetação;



- **Trilha da face sul do Bauzinho, Baú e para a Ana Chata**

Estado de conservação: bom estado, necessita de recuperação em cerca de 25% de sua extensão.

III. Trilhas que partem das trilhas principais e atingem as bases das vias de escalada

- **Trilha da Face Norte do Bauzinho**

Estado de conservação: médio, necessita de recuperação em cerca de 25% de sua extensão;

- **Trilha do Fausto**

Estado de conservação: ruim, necessita de recuperação em cerca de 50% de sua extensão;

- **Trilha de acesso ao Col**

Estado de conservação: médio, necessita de recuperação em cerca de 25% de sua extensão.

d. Bases das vias de escalada

As escaladas se iniciam por uma base - pequena área onde o escalador veste seu equipamento e inicia a atividade sobre a rocha. Entre as bases existentes no Complexo, duas áreas apresentam-se deterioradas:

- **Normal do Baú** (base compartilhada com Ensaio de Orquestra e etc.)

Estado de conservação: erosão avançada, com raízes muito expostas e remoção completa da vegetação.

- **Tudo Bem** (base na própria trilha do Fausto)

Estado de conservação: erosão avançada, com raízes muito expostas.

e. Topo do Baú

Verificam-se pontos de erosão leve a moderada nas trilhas do topo do Baú que ensejam algumas ações pontuais de recuperação e alguns cuidados para organizar a drenagem das águas de chuva, de modo que sejam conduzidas para fora dos caminhos. Em alguns pontos, talvez seja necessário preencher os sulcos com pedras e terra e redefinir as bordas da trilha.

É preciso organizar uma discussão para resolver que atitude tomar em relação ao piso remanescente do antigo abrigo.

Algumas hastes fixas na rocha e interligadas por um cabo formam um tosco guarda-corpo no abismo do bico do Baú e encontram-se mais ou menos tortas, pois eventualmente são utilizadas para ancoragem de rapel. É preciso estudar uma forma de recuperar ou reconstruir este guarda-corpo porque o local é bastante desprotegido. Um levantamento sistemático poderá revelar outras áreas do topo que necessitam de recuperação.

f. Topo do Bauzinho

O topo do Bauzinho constitui uma das áreas mais visitadas do Complexo devido à facilidade de acesso por meio de uma trilha curta que parte do estacionamento de veículos e não requer esforço maior do que uma caminhada de cerca de 10 minutos para chegar ao rochoso de onde se descortinam as vistas panorâmicas para ambos os lados da montanha.



A trilha passa por áreas de rocha exposta e de solo recoberto por vegetação. No segundo caso há problemas de erosão, perda de solo e exposição de raízes. À medida que sobe, a trilha vai ficando mais exposta e seu trecho final requer algumas intervenções para oferecer limites de segurança ao visitante incauto.

g. Sinalização

A sinalização é incipiente no Complexo e carece de placas de interpretação, bem como de um sistema de informações mais detalhadas sobre o local. A sinalização disponível para o visitante não informa adequadamente quanto às distâncias a serem percorridas, desníveis a serem vencidos, condições do clima, dificuldades de progressão, exposição a riscos e outras. Também é necessário incluir advertências para os visitantes não atirarem pedras e lixo do topo das pedras porque poderão atingir escaladores e outros visitantes situados baixo.

h. Acessibilidade para Portadores de Necessidades Especiais (PNEs)

O Complexo não oferece condições de acesso a PNEs. Existe a possibilidade de se adaptar a trilha que percorre parte do Bauzinho para este público, dependendo de estudo e projeto específico.

Seminário

Montanhismo de Mínimo Impacto no Complexo do Baú

Parte II

**Recomendações para Escalada
e Manutenção de Vias**



**Pedra do Baú
Bauzinho
Ana Chata**



FEDERAÇÃO DE MONTANHISMO DO ESTADO DE SÃO PAULO

São Bento do Sapucaí

JUNHO DE 2009



SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO E OBJETIVOS.....	3
2	ÉTICA E PRÁTICAS DE MÍNIMO IMPACTO PARA ESCALADORES.....	4
3	SETORIZAÇÃO DAS PAREDES DO COMPLEXO DO BAÚ	5
3.1	BAUZINHO	5
3.2	BAÚ	6
3.3	COL	6
3.4	ANA CHATA.....	7
4	RECOMENDAÇÕES GERAIS PARA CONQUISTAS.....	7
5	RECOMENDAÇÕES ESPECÍFICAS PARA CONQUISTAS	8
5.1	BAUZINHO.....	8
5.2	BAÚ.....	9
5.3	COL.....	9
5.4	ANA CHATA.....	9
6	RECOMENDAÇÕES GERAIS PARA MANUTENÇÃO DE VIAS.....	10
7	RECOMENDAÇÕES ESPECÍFICAS PARA MANUTENÇÃO DE VIAS	11
7.1	NORMAL DO BAÚ (direito autoral CAP):.....	11
7.2	NORMAL DO BAUZINHO (direito autoral CAP):	11
7.3	CORNETO (direito autoral CAP):.....	11
7.4	TUDO BEM (direito autoral CAP):.....	11
7.5	FISSURA CHOVE E NÃO MOLHA (direito autoral CAP):.....	11
7.6	CRESTA (direito autoral CAP):.....	11
7.7	O CÉU TAMBÉM É AZUL (Variante da Corneto - direito autoral CAP):	11
7.8	ENSAIO DE ORQUESTRA.....	11
7.9	OBSESSION	12
7.10	V DE VINGANÇA.....	12
7.11	ESTICA QUE DÁ	12
7.12	PRANA, RUDRA E SABÁ	12
7.13	ESCADA DO COL.....	12
7.14	ESCADAS DO BAÚ	12

ANEXOS

Anexo 1 - Código de Ética da FEMESP

Anexo 2 - Declaração do Tirol

Anexo 3 - To Bolt or Not to Be

Anexo 4 - Representação gráfica da setorização das paredes do Complexo do Baú

Anexo 5 - Declarações do Clube Alpino Paulista (cartas abertas)

Anexo 6 - Lista de participantes do Seminário

Foto da capa: Eliseu Frechou



INTRODUÇÃO E OBJETIVOS

Considerando a importância do Complexo da Pedra do Baú (Baú, Bauzinho e Ana Chata) para o montanhismo no estado de São Paulo, a comunidade montanhista, reunida em São Bento do Sapucaí nos dias 14 e 15 de abril e 20 de junho de 2009, elaborou o presente documento que visa garantir:

- i. A conservação dos ecossistemas locais e da cultura das comunidades de seu entorno;
- ii. O respeito à história e à tradição do montanhismo aqui praticado; e
- iii. O futuro do montanhismo para as próximas gerações, em especial o direito à aventura e ao desenvolvimento técnico, físico e psicológico.

Adicionalmente, a comunidade montanhista reconhece que o Complexo do Baú:

- iv. É o único local do estado de São Paulo com características de montanha e escalada em rocha tradicional; e
- v. Possui atualmente uma região de entorno (falésias de São Bento do Sapucaí) dotada de importantes setores de escalada esportiva e que ainda apresenta grande potencial de desenvolvimento nesta modalidade;

Assim, a comunidade montanhista manifesta, por meio do presente texto, o desejo de preservar as características acima citadas e, para tanto, reconhece a importância do direito autoral*¹, recomenda as diretrizes para conquistas e regrampeações apresentadas a seguir e endossa o conteúdo dos documentos abaixo:

- Código de Ética da FEMESP - Veja Anexo 1
- Declaração de Tirol - UIAA - Veja Anexo 2
- To Bolt or Not to Be - UIAA - Veja Anexo 3

*¹ Apesar de ser um princípio ético amplamente difundido, algumas dúvidas podem surgir quanto ao conceito do direito autoral. Um bom texto explicativo produzido pela Federação de Montanhismo do Rio de Janeiro FEMERJ pode ser encontrado em <http://www.femerj.org>.



1 ÉTICA E PRÁTICAS DE MÍNIMO IMPACTO PARA ESCALADORES

Cuide das vias de escalada e das áreas ao redor

- **Utilize os pontos de acesso pré-determinados para os locais de escalada.** Respeite os horários de entrada e saída e as demais restrições existentes em unidades de conservação e terras particulares.
- **Estacione seu carro em locais apropriados.** Não bloqueie a passagem de outros veículos. Evite estacionar nas porteiças e nas entradas de propriedades.
- **Mantenha-se nas trilhas já demarcadas.** Evite caminhar fora das trilhas ou criar novas trilhas e deixe as porteiças como as encontrou, abertas ou fechadas.
- **Respeite a vegetação.** Na base das vias, evite pisar sobre a vegetação, mantendo-se sobre as pedras ou nos locais que apresentam pouca ou nenhuma vegetação. Tenha o máximo cuidado para não aumentar a área da base de uma trilha.
- **Durante a escalada, evite apoiar-se sobre a vegetação das paredes. Nunca arranque esta vegetação.** Não utilize a vegetação como apoio, proteção natural ou ancoragem. Se for imprescindível utilizar uma árvore para ancorar um *rapel*, utilize sempre uma fita de abandono em vez de passar a corda diretamente ao redor da árvore ou de suas raízes.
- **A corda recolhida deve ser enrolada e deixada nos pontos de asseguramento.** Deste modo, você evita que, ao permanecer esticada sobre a parede, a corda acabe enroscando-se na vegetação, arrancando-a quando puxada.
- **Não acrescente nem remova grampos das vias existentes,** a menos que você tenha autorização do conquistador ou do clube responsável pela manutenção da via. Mesmo nesse caso, estude cuidadosamente se a alteração é mesmo necessária.
- **Em escalada artificial, evite ao máximo o uso de *pitons*.** Prefira dispositivos de ancoragem que são instalados e removidos com as mãos, como *friends*, *nuts* e *cliff hangers*. Os *pitons* deixam cicatrizes permanentes na rocha e podem ser dispensados na maioria das vias.
- **Seja cordial com outros escaladores.** Não monopolize as vias de escalada e respeite a ordem de chegada. Escale com cuidado para evitar a queda de pedras, especialmente quando houver outras pessoas mais abaixo ou na base das vias. Observe a presença de pessoas ao jogar a corda para baixo.
- **Minimize o uso de magnésio.** Além de criar poluição visual às paredes, o magnésio afeta a acidez do solo.
- **Ao final da escalada, prefira descer a montanha por uma trilha.** Assim, você evita duplicar a intensidade de uso da via, além de evitar também o risco da corda solta, debatendo-se sobre a vertente, prejudicar a vegetação. Só utilize o *rapel* quando essa for a única opção de descida.
- **Seja discreto e guarde todo equipamento ao final do dia de escalada.**
- **Respeite os animais.** Não perturbe os pássaros e outros animais que habitam a região e respeite as áreas interditas temporariamente para a proteção de pássaros.
- **Carregue seu lixo e descarte em locais apropriados.** Recicle tudo que for possível.
- **Seja higiênico.** Utilize banheiros e instalações sanitárias sempre que estiverem disponíveis. Em sua ausência, enterre seus dejetos adequadamente. Carregue seus papéis higiênicos e absorventes adequadamente embalados, dispondo este material em local adequado. Considere o uso do *shit-tube* em escaladas que durem mais de um dia.
- **Não polua fontes de água.** Para mantê-las cristalinas, evite lavar qualquer objeto, lançar restos de comida, ou derrubar lixo na água.
- **Respeite e apoie as comunidades locais.** Estabeleça vínculos de amizade e solidariedade com os moradores. A convivência gera o respeito mútuo e possibilita o aprendizado dos saberes e fazeres de cada um.
- **Conheça e pratique as condutas de mínimo impacto.** Consulte as recomendações da Campanha **Pega Leve!** (www.pegaleve.org.br) e os códigos de ética das federações estaduais de montanhismo.



2 SETORIZAÇÃO DAS PAREDES DO COMPLEXO DO BAÚ

Considerando a extensão do Complexo do Baú, a diversidade de estilos de vias existentes e as características ambientais específicas, optou-se por efetuar uma setorização de paredes do Complexo, de modo a permitir uma abordagem individualizada para cada setor. Dessa forma, são reconhecidos os seguintes setores, ilustrados no ANEXO 4:

VIAS EXISTENTES EM JUNHO DE 2009

2.1 BAUZINHO

2.1.1 Face Norte

- | | | | |
|-----------------|------------------|-------------------|--------------------|
| ▪ Galba Ataíde | ▪ V de Vingança | ▪ Lidiane Arnould | ▪ Neurônios Fritos |
| ▪ Homem Pássaro | ▪ Dança da Chuva | ▪ V de Vitória | |
| ▪ Estica que Dá | ▪ Amnésia | ▪ Via do André | |

2.1.2 Parede das Maritacas

Setor localizado na extremidade leste da face norte, da Galba Ataíde para leste.

- A cara do bruxo
- Via do Magnus (conquistador se propôs a desequipá-la)

2.1.3 Setor Corneto

- | | | |
|----------------------|----------------------|-----------------------|
| ▪ Normal do Bauzinho | ▪ Cresta do Bauzinho | ▪ O Céu Também é Azul |
| ▪ Fissura Corneto | ▪ Corniloa | |

2.1.4 Face Sul – acima da trilha do Fausto

Setor localizado entre a Normal do Bauzinho e a Chicken Salad.

- | | | |
|----------------------------|-----------------------------|------------------|
| ▪ Chicken salad | ▪ Superman | ▪ Rê Bordosa |
| ▪ Easy Lover (continuação) | ▪ Pede para sair | ▪ Bibelô |
| ▪ Selivié | ▪ Fissura Chove e não molha | ▪ Meia lua |
| ▪ Rapsódia húngara | ▪ Qualquer um menos eu | ▪ Rosita go home |
| ▪ Aborígenes | ▪ Tudo bem | |

2.1.5 Face Sul – abaixo da trilha do Fausto

Setor localizado abaixo e a direita da trilha do Fausto.

- | | | | |
|----------------|---------------|------------|--------------|
| ▪ Mixto quente | ▪ Don Quixote | ▪ Asteroid | ▪ Easy lover |
| ▪ Baby blue | ▪ Insanity | ▪ Meteor | |



2.2 BAÚ

2.2.1 Face Norte – do Col até a escada

- Gregos e Troianos
- Pimenta Honesta
- Learning to fY
- Via das Abelhas
- Domingos Giobbi
- Mela Cueca
- Distraídos Venceremos
- Cães e Caravanas
- Bitó Meyer
- Via do Marquinhos

2.2.2 Falésias do Baú (setor esportivo da face norte)

Setor localizado à direita da escada da face norte. Vias existentes:

- Wolverine
- Sweetness
- Dama do Abismo
- Jigsaw
- Vista Aérea
- Sabá
- Prana
- Rudra

2.2.3 Setor Normal e Ensaio de Orquestra

Setor localizado entre a Cresta e a Perereca de Lúcifer.

- Cresta
- Marasmo
- Obsession
- Normal do Baú
- Bagulho Ignorante (e extensão Mais que Ignorante)
- Anormal
- Ensaio de Orquestra
- Pássaros
- Bravos
- Teto do Baú
- Perereca de Lúcifer

2.2.4 Face Sul, da escadinha até o Setor Normal

- Marijuana em Apuros

2.2.5 Bunda

Setor localizado na face sudoeste, entre as escadas da face norte e da face sul.

- Chora Negão
- Natureza Beleza
- Parque dos Dinossauros
- Fuga dos Dinossauros
- Marvada Bunda
- Chaminé dos Coroas

2.2.6 Campo Escola CEU

Setor localizado na face norte, à esquerda do início da escada.

O Seminário sugere a utilização da denominação **Campo Escola da Face Norte**, ao invés do nome dado pelos conquistadores. A FEMESP enviará proposta formal aos conquistadores.

- CEU
- Chove e molha
- Bobônica – O Seminário sugere aos conquistadores renomearem esta via, pois o nome é ofensivo.
- Presidente Pateta - O Seminário sugere aos conquistadores renomearem esta via, pois o nome é ofensivo.
- A vingança do Suruburço
- Dinos
- O Fósforo

2.3 COL

2.3.1 Face Sul

- Desconhecida existência de vias até esta data.

2.3.2 Face Norte

- Nóia de cão
- Gigantes voadores
- Gaia
- Corujita branca
- Escória



2.4 ANA CHATA

2.4.1 Face Norte

- Pateta
- Capitão Presença
- Presencinha
- Pepe Legal
- Paradigma
- Justiceiro
- Cidade deserta
- Peter Pan
- Lixeiros
- Tom Sawyer
- Capitão Caverna
- Cavaleiro das trevas
- Elektra
- S de Voltar
- Johny Quest
- Surfista prateado

2.4.2 Setor Nirvana

- Nirvana

2.4.3 Face Sul

- Walking on the Dark Side
- Goa Grill
- Assunto Pendente
- Asterix

2.4.4 Face Sul, setor Caverninha

- Via da Loca
- Cada Macaco no Seu Galho

2.4.5 Bunda (Face Sudoeste)

- Zé Buscapé
- Reis do Sertão
- Pé de Pano
- Trem Bão
- Matuto Batuta
- Curupira

3 RECOMENDAÇÕES GERAIS PARA CONQUISTAS

Visando os objetivos listados no início deste documento, é importante que alguns cuidados sejam tomados durante a conquista de uma nova via de escalada:

- i. Ao pensar em realizar uma conquista explore bem o potencial oferecido pelas vias já existentes no setor - Escale! Conheça um pouco da história destas vias, informando-se nos guias já publicados para área ou com os escaladores locais mais experientes. Isto pode evitar que se cometam alguns equívocos como: abertura de variantes de variantes, rotas intermediando vias clássicas, entre outros;
- ii. Manter o caráter individual das vias;
- iii. Na escolha do traçado, opte por linhas sem vegetação (inclusive capim), preserve a vegetação rupícola e saxícola e não molestes animais. Escolha pontos de paradas de modo a não comprometer platôs de vegetação;
- iv. Não cavar agarras ou adicionar agarras artificiais;
- v. Não adicionar proteções fixas em locais que ofereçam possibilidades para proteções móveis tais como fendas, buracos e algumas lacas;
- vi. Restrinja os impactos de sua passagem pela parede ao estritamente essencial. Não adicione proteções fixas exageradamente e privilegie as proteções móveis;



- vii. Não há restrição ao uso de furadeira, entretanto, devido à facilidade que esta proporciona, enfatiza-se o disposto no item vi.
- viii. O estilo de abertura de vias recomendado é a conquista (abrir vias de baixo para cima). Portanto evite o equipamento de vias (abrir vias de cima para baixo – *Rap Bolting*);
- ix. O tipo de proteção fixa recomendada é a chapeleta com parabolts de diâmetro de 3/8" (aprox. 10mm), preferencialmente em aço inox.

“A pluralidade de estilos de escalada é desejável e bem-vinda como uma expressão das legítimas preferências individuais dos escaladores” (To Bolt or Not to Be). Para permitir esta pluralidade e contemplar as vocações naturais de cada setor do Complexo do Baú, foram elaboradas as recomendações específicas de conquistas, apresentadas a seguir.

4 RECOMENDAÇÕES ESPECÍFICAS PARA CONQUISTAS

Recomendações específicas para conquistas nos diversos setores do Complexo do Baú.

4.1 BAUZINHO

4.1.1 Face Norte

O estilo recomendado para conquista é o de vias tradicionais.

4.1.2 Parede das Maritacas

Sem novas conquistas em virtude de condições ambientais.

4.1.3 Setor Corneto

Sem novas conquistas em virtude da saturação de vias.

4.1.4 Face Sul - acima da trilha do Fausto

Sem novas conquistas em virtude da saturação de vias.

4.1.5 Face Sul - abaixo da trilha do Fausto

Sem novas conquistas em virtude da saturação de vias e condições ambientais por um período indicativo de dois anos, ao longo do qual a situação da parede será avaliada pela comunidade montanhista. Encerrado este período, deverá ser elaborada uma nova recomendação.



4.2 BAÚ

4.2.1 Face Norte - do col até a escada

O estilo recomendado para conquista é o de vias tradicionais.

4.2.2 Falésias do Baú (setor esportivo da face norte)

Seguem as recomendações gerais descritas no item 4.

4.2.3 Setor Normal e Ensaio

Seguem as recomendações gerais descritas no item 4.

4.2.4 Face Sul – da escadinha até o setor Normal

Seguem as recomendações gerais descritas no item 4, em especial quanto à preocupação com a vegetação.

4.2.5 Bunda

O estilo recomendado para conquista é o de vias tradicionais.

4.2.6 Campo Escola CEU

Seguem as recomendações gerais descritas no item 4. O Seminário sugere a utilização da denominação **Campo Escola da Face Norte**, ao invés do nome dado pelos conquistadores. A FEMESP enviará esta proposta formal aos conquistadores.

4.3 COL

4.3.1 Face Sul

Sem novas conquistas em virtude de condições ambientais.

4.3.2 Face Norte

O estilo recomendado para conquista é o de vias tradicionais.

4.4 ANA CHATA

4.4.1 Face Norte

Sem novas conquistas entre a Pateta e a Surfista Prateado em virtude da saturação de vias.

4.4.2 Setor Nirvana

Seguem as recomendações gerais descritas no item 4.

4.4.3 Face Sul

Seguem as recomendações gerais descritas no item 4.

4.4.4 Face Sul – setor caverninha

Seguem as recomendações gerais descritas no item 4.

4.4.5 Bunda (Face Sudoeste)

Seguem as recomendações gerais descritas no item 4.



5 RECOMENDAÇÕES GERAIS PARA MANUTENÇÃO DE VIAS

Substituição de proteções

Com o passar do tempo e/ou sob ação dos agentes atmosféricos, as proteções fixas sofrem processos de degradação que reduzem sua resistência mecânica, prejudicando sua utilização no sistema de segurança da escalada. Nestas condições torna-se necessária sua substituição por uma proteção nova.

Proteções fixas que exibam sinais de oxidação, estejam soltas, tortas ou “para fora” devem ser substituídas.

A substituição de proteções fixas foi alvo de intenso debate no âmbito da UIAA, resultando na publicação do documento intitulado *To Bolt or Not to Be*. Recomenda-se que qualquer iniciativa de regrampeação de via no Complexo do Baú siga os conceitos expressos no referido documento, bem como no Código de Ética da FEMESP.

Enfatiza-se a importância de se respeitar o direito autoral
em qualquer manutenção a ser efetuada em vias de escalada.

A FEMESP, por meio do GT Regrampeação, reunirá as informações de necessidade de manutenção das vias de escalada do Complexo do Baú e atuará como facilitadora para a execução da manutenção. A manutenção das vias será efetuada preferencialmente por:

1) conquistadores; 2) instituição a qual pertencam; 3) GT Regrampeação.

Recomendações práticas para regrampeação de vias

- i. Consulte os conquistadores da via antes de efetuar uma regrampeação. Caso não consiga localizá-los ou estes tenham parado de escalar, consulte o clube ao qual eles pertenceram ou, como último recurso, leve o assunto para debate com a comunidade local e a FEMESP.
- ii. O tipo de proteção fixa recomendada é a chapeleta com parabolts de diâmetro de 3/8” (aprox. 10mm), preferencialmente em aço inox.
- iii. Retire as proteções antigas da parede para minimizar o impacto visual. Caso não consiga extrair, parabolts podem ser martelados para dentro do furo (caso este seja profundo o suficiente) e grampos podem ser quebrados próximo a sua base.
- iv. Caso o furo da proteção retirada não seja reaproveitado, cubra-o aplicando uma mistura de massa epóxi e pó da própria rocha, visando reduzir o impacto visual.
- v. Não deixe trabalho pela metade. Após iniciar a extração de uma proteção, vá até o final do serviço. Uma proteção deixada em situação precária coloca em risco outros escaladores.



6 RECOMENDAÇÕES ESPECÍFICAS PARA MANUTENÇÃO DE VIAS

6.1 NORMAL DO BAÚ (direito autoral CAP):

- i. trocar as chapeletas antigas;
 - ii. grampos P não originais da via serão mantidos;
 - iii. erosão na base.
-

6.2 NORMAL DO BAUZINHO (direito autoral CAP):

- i. trocar as chapeletas antigas.
-

6.3 CORNETO (direito autoral CAP):

- i. substituir chapeleta da travessia;
 - ii. chapeletas do trecho das fendas serão substituídas.
-

6.4 TUDO BEM (direito autoral CAP):

- i. trocar as chapeletas antigas;
 - ii. as duas variantes da terceira enfiada serão mantidas;
 - iii. erosão na base.
-

6.5 FISSURA CHOVE E NÃO MOLHA (direito autoral CAP):

Carta do CAP (ANEXO 5) esclarece a opinião dos conquistadores e, portanto:

- i. substituir as proteções originais;
- ii. considerando que as proteções originais foram retiradas, é necessário indicar os pontos em que se localizavam as proteções originais para a instalação de novas chapeletas;
- iii. Tapar furos existentes.

Considerações:

- i. Carta do CAP esclarece o histórico e exhibe o desejo dos conquistadores. Explicação subsidiada nesta carta será emitida pelo GT Regrampeação para a comunidade para que o caso não se torne um precedente para instalação de proteções fixas em conquistas de fendas ou locais onde haja possibilidade de proteção móvel.
 - ii. Seminário endossa a importância Direito Autoral.
-

6.6 CRESTA (direito autoral CAP):

- i. Duplicar primeira parada;
 - ii. Trocar chapeletas velhas.
-

6.7 O CÉU TAMBÉM É AZUL (Variante da Corneto - direito autoral CAP):

- i. Trocar chapeletas velhas.
-

6.8 ENSAIO DE ORQUESTRA

- i. Trocar parafusos dos Spits;
- ii. Erosão na base da via.

Considerações

- i. Luí (conquistador) fará a manutenção dos parafusos.
-



6.9 OBSESSION

- i. Trocar parafusos.

Considerações

- i. David Henrique fará a manutenção.
-

6.10 V DE VINGANÇA

- i. Remover duas chapeletas do diedro da primeira enfiada (proteção será em móvel);
- ii. Remover uma chapeleta da última enfiada (proteção será em móvel).

Considerações

- i. Eliseu e Pauletto (conquistadores) autorizaram a modificação;
 - ii. Fundamental divulgar amplamente a informação com boa antecedência antes de retirar as chapeletas;
 - iii. Importante elaborar croquis com a situação original e as alterações efetuadas.
-

6.11 ESTICA QUE DÁ

- i. Interferiu na V de Vingança. Pessoal se perde entre as vias;
- ii. P2 – remover correntes ou a parada toda;
- iii. P3 – estudar.

Considerações

Até o encerramento do seminário, não houve manifestação dos conquistadores.

6.12 PRANA, RUDRA E SABÁ

- i. Troca de todas as proteções (37 no total).

Considerações

- i. Informar a comunidade do estado precário das proteções;
 - ii. Conquistador é Márcio (Dolly), não localizado.
-

6.13 ESCADA DO COL

- i. Não há necessidade de manutenção, no momento.
-

6.14 ESCADAS DO BAÚ

- i. Seminário reconhece a necessidade de manutenção;
 - ii. Assunto extrapola a esfera dos montanhistas.
-



ANEXO 1

Código de Ética da Federação de Montanhismo do Estado de São Paulo - FEMESP

INTRODUÇÃO

As montanhas são fonte importante de água, energia e diversidade biológica. Além disso, fornecem recursos fundamentais -- como minérios, produtos florestais e produtos agrícolas -- e são fonte de lazer. Enquanto importante ecossistema que representa a ecologia complexa e inter-relacionada de nosso planeta, os ambientes montanhosos são essenciais para a sobrevivência do ecossistema mundial.

As montanhas são extremamente vulneráveis ao desequilíbrio ecológico, tanto natural como provocado pelo homem. As montanhas são as áreas mais sensíveis a toda e qualquer mudança do clima da atmosfera. É fundamental haver informações específicas sobre sua ecologia, seu potencial de recursos naturais e suas atividades sócio-econômicas.

Agenda 21 – Rio 1992

Existem alguns princípios básicos que todo montanhista deve considerar como indivíduo e como membro da comunidade de montanhistas. Todos temos que assumir nossas responsabilidades ambientais, bem como proteger as terras de montanha e suas comunidades.

Nenhuma escalada ou ascensão a montanha deve transgredir as leis de proteção ambiental.

PLANEJAMENTO

- **Conheça os regulamentos e precauções especiais** da área que irá visitar.
- **Prepare-se para condições meteorológicas extremas**, acidentes e emergências.
- **Programe sua viagem** de forma a evitar altas temporadas e feriados.
- **Empacote e reutilize** sobras de alimentos para minimizar desperdício.
- **Utilize mapa e bússola** para eliminar a necessidade de marcas de tinta, totens de pedra, fitas, etc.
- **Escolha as atividades que você vai realizar** na sua visita conforme o seu condicionamento físico e seu nível de experiência.
- **Calcule o tempo total que passará viajando** e deixe um roteiro da viagem com alguém de confiança, com instruções para acionar o resgate, caso necessário.
- **Avise a administração da área que você está visitando** sobre sua experiência, o tamanho do grupo, o equipamento que está sendo levado, o roteiro e a data esperada de retorno.
- **Tenha certeza que você dispõe do equipamento apropriado para cada situação.** Acidentes e agressões à natureza em grande parte são causados por improvisações e uso inadequado de equipamentos.
- **Em áreas de montanha, use o mínimo necessário de transporte motorizado** e estacione fora do caminho. Faça uso de transporte coletivo se este for prático.

REALIZE PRÁTICAS DE MÍNIMO IMPACTO

USO DOS CAMINHOS

- **Saia em grupos pequenos.** Os grupos grandes geram maior impacto que vários pequenos separados entre si.
- **Evite caminhar sobre solo molhado.** O solo carregado de água é mais suscetível à deterioração.
- **Não caminhe com mascotes** como cães ou gatos. Estes podem alterar a fauna local.
- **Mantenha baixo o nível de ruído.** Os ruídos estranhos, alteram o comportamento da fauna e atrapalham pedidos de socorro. Melhore a qualidade da sua experiência na natureza.
- **Faça os descansos fora da picada** e em lugares com pouca vegetação. Fazer os descansos sobre a picada obriga a outros caminhantes, a sair da mesma para passar pelo lugar.
- **Mantenha-se nas trilhas pré determinadas**, os atalhos favorecem a erosão e a destruição das raízes e plantas inteiras. Em hipótese alguma abra novos caminhos, dê o direito ao próximo de estar em um local sem



interferência.

- **Não corte a vegetação**
- **Evite lugares onde os impactos apenas começaram.**
- **Em zonas onde não existem picadas**, disperse as atividades e não caminhe em fila. Caminhar em fila onde não existe picada, deteriora o solo.

ZONAS DE ACAMPAMENTO

- **Acampe em lugares permitidos** e em zonas livres muito freqüentadas, em lugares bem compactados. Evite áreas frágeis que levarão um longo tempo para se recuperar após o impacto.
- **Não cave valetas ao redor das barracas**, escolha o melhor lugar e use um plástico sob a barraca.
- **Bons locais de acampamento são encontrados**, não construídos. Não corte nem arranque a vegetação, nem remova pedras ao acampar.
- **Sempre que possível faça bivaque.**
- **Em zonas de acampamento** procure utilizar calçados de sola macia como sapatilhas ou alpargatas.
- **Evite o pisoteio da vegetação**
- **Lave panelas, pratos e roupas** somente com sabão branco e longe dos córregos de água, utilizando um recipiente.
- **Use banheiros se existirem**, na falta, vá ao banheiro a mais de 60 metros dos cursos de água e enterre os dejetos a pelo menos um palmo de profundidade.
- **Conserve as áreas de acampamento menor possível.** Focalize as atividades em áreas naturalmente desprovidas de vegetação.
- **Se você pode levar uma embalagem cheia** para um ambiente natural, pode trazê-la vazia na volta.
- **Ao percorrer uma trilha, ou sair de uma área de acampamento**, certifique-se de que elas permaneçam como se ninguém houvesse passado por ali. Remova todas as evidências de sua passagem. Não deixe rastros.

TRAGA O SEU LIXO DE VOLTA

- **Não queime nem enterre o lixo.** As embalagens podem não queimar completamente, e animais podem cavar até o lixo e espalhá-lo. Traga todo seu lixo de volta com você.

DEIXE TUDO COMO ENCONTROU

- **Não construa qualquer tipo de estrutura**, como bancos, mesas, pontes, etc. Não quebre ou corte galhos de árvores, mesmo que estejam mortas ou tombadas, pois podem estar servindo de abrigo para aves ou outros animais.
- **Resista a tentação de levar “lembranças” para casa.** Deixe pedras, artefatos, flores, conchas etc. onde você encontrou para que outros também possam apreciá-los.
- **Não introduza ou transporte espécies não nativas.**
- **Preserve o passado:** examine mas não toque estruturas e artefatos históricos ou de interesse cultural.
- **Não perturbe a ordem das coisas.** Sempre feche uma porteira que encontrar fechada depois de passar por ela.

NÃO FAÇA FOGUEIRAS

- **Fogueiras matam o solo**, enfeiam os locais de acampamento e representam uma grande causa de incêndios florestais.
- **Para cozinhar**, utilize um fogareiro próprio para acampamento.
- **Para iluminar o acampamento** utilize um lampião ou uma lanterna em vez de uma fogueira
- **Se você realmente precisa acender uma fogueira**, utilize locais previamente estabelecidos, e somente se as normas da área permitirem.
- **Mantenha o fogo pequeno**, utilizando apenas madeira morta encontrada no chão.



- **Tenha absoluta certeza** de que sua fogueira está completamente apagada antes de abandonar a área.

PROTEJA E RESPEITE A FLORA E A FAUNA

- **Proteja de maneira efetiva o ambiente de montanha**, sua flora, sua fauna e seus recursos naturais.
- **Não perturbe aves ou qualquer outra vida selvagem**. Proteja as flores e respeite os locais de interesse científico de qualquer natureza.
- **Observe à distância**. Não siga ou se aproxime dos animais.
- **Nunca alimente os animais**. Alimenta-los danifica sua saúde, altera seu comportamento natural e os expõe a predadores e outros perigos.
- **Evite qualquer contato com a vida selvagem durante épocas sensíveis**: no acasalamento, durante a construção de ninhos, durante a fase de aprendizagem dos filhotes, ou no inverno.

TENHA ATITUDES POSITIVAS

- **Tenha uma boa atitude em relação a montanha** e à prática dos esportes que nela se desenvolvem.

POPULAÇÃO LOCAL

- **Respeite as origens culturais e dignidade da população local**. Os vilarejos que geralmente cercam as montanhas são calmos e pacatos, não faça nada para interferir negativamente na vida local.
- **Ao encontrar gado ou animais de carga na trilha**, mantenha-se do lado mais baixo da encosta.

OUTROS VISITANTES

- **Todo montanhista deve utilizar sua liberdade**, usufruindo seu espaço e sempre RESPEITANDO o próximo
- **Ande e acampe em silêncio**, preservando a tranquilidade e a sensação de harmonia que a natureza favorece. Deixe rádios e instrumentos sonoros em casa.
- **Cores fortes, como branco, vermelho ou amarelo devem ser evitadas**, pois podem ser vistas a quilômetros de distância e quebram a harmonia dos ambientes naturais causando poluição visual.
- **Respeite os demais visitantes** e proteja a qualidade da experiência deles.
- **Faça parada de descanso** ou acampe longe das trilhas e de outros visitantes.
- **Seja cortês**. Dê passagem a outros usuários na trilha.

ÉTICA E ESCALADA EM ROCHA

PONTOS DE SEGURANÇA (grampos fixos ou chapeletas)

- **Durante uma conquista** observe o posicionamento dos pontos de segurança, de modo que em hipótese alguma de queda, o escalador toque o solo, arestas ou saliências, representando perigo à sua própria integridade.
- **É proibida a adição de pontos fixos** de segurança em escaladas já conquistadas, sem autorização dos conquistadores.
- **Em caso de regrampeação** – somente com autorização do conquistador, ou em sua ausência, do clube a que ele pertencia – os escaladores que fizerem a manutenção não devem descaracterizar a rota, transferindo a original proteção dos pontos de segurança, de acordo com o artigo primeiro anterior.
- **A utilização de dupla proteção** nos pontos de parada é um fator que diminui a ocorrência de acidentes e deve ser sempre observada.
- **Sempre que possível os pontos de rapel** devem ser comuns à várias escaladas.
- **Um ponto de segurança visivelmente mal colocado**, deve ser evitado e informado aos escaladores locais ou ao conquistador para a sua substituição.

MATERIAL MÓVEL

- **Utilizar material móvel sempre que possível**, evitando-se o uso de pontos fixos ao lado de fissuras, fendas, rachaduras às quais seria óbvio o uso de materiais móveis.



ÉTICA E ESTILO

- **Ética e estilo nunca devem ser confundidos**, sendo que ética são regras que definem uma atitude ou postura diante do esporte e ao meio e é flexível de uma região para outra. O estilo faz parte das características de cada escalador, ilimitado e auto justificado na relação de movimentos ao realizar uma escalada;

CONQUISTA

- **Nenhum escalador possui o direito de reservar para si** qualquer rota ou pedaço de pedra, somente se estiver colocando evidente esforço para efetuação de seus objetivos, seja aproximação, ou colocação de grampos.
- **Em caso da modificação das intenções** você tem a responsabilidade de expressá-las à comunidade local, deixando-a aberta a todos.
- **Toda conquista deverá ser divulgada no meio.**
- **Não cave agarras e não marque com magnésio** rotas ou boulders com intuito único de legitimar uma ascensão não executada.

FONTES DE PESQUISA

- Agenda 21 – Rio 1992 – Capítulo 13
- Excursionismo de Mínimo Impacto – CEU e MMA
- Código de Mínimo Impacto Leave no Trace
- Código de Ética – CMSM
- Código Brasileiro de Ética de Escalada
- Código Internacional de Montanha da UIAA
- Declaração UIAA de Kathmandu
- Resolução Assembléia Geral da UIAA
- Práticas de Mínimo Impacto - CPM Clube Paranaense de Montanhismo



ANEXO 2

Declaração do Tirol

Sobre a boa prática nos esportes de montanha
Ética na montanha

“Ampliem seus limites, elevem seus espíritos e almejem o topo”

Adotada pela Conferência sobre o Futuro dos Esportes de Montanha
Innsbruck, Áustria, 6 – 8 de Setembro, 2002

Por todo o mundo, milhões de pessoas praticam montanhismo, caminhada, trekking e escalada em rocha. Em muitos países, esportes de montanha se tornaram um fator significativo no dia-a-dia.

Quase nenhuma outra atividade engloba tão amplo espectro motivacional como os esportes de montanha. Eles proporcionam às pessoas a oportunidade de concretizar objetivos pessoais e de participar de uma atividade significativa por toda a vida. Os motivos para estar ativo nas montanhas e sobre as rochas se estendem de benefícios da saúde, prazer do movimento, contato com a natureza e incentivos sociais à emoção da exploração e da aventura.

A Declaração do Tirol sobre a Melhor Prática em Esportes de Montanha, contém um conjunto de valores e máximas que proporcionam uma orientação sobre a melhor prática em esportes de montanha. Não são regras ou instruções detalhadas – no lugar disso, elas:

1. Definem os valores fundamentais atuais nos esportes de montanha
2. Contêm princípios e padrões de conduta
3. Formulam os critérios de ética para tomada de decisões em situações incertas
4. Apresentam princípios éticos pelos quais o público pode julgar os esportes de montanha
5. Introduzem a iniciantes os valores e princípios morais de seu esporte.

É objetivo da Declaração do Tirol ajudar a concretizar o potencial inato dos esportes de montanha para recreação e para crescimento pessoal, e também para promoção de desenvolvimento social, compreensão cultural e consciência ambiental. Para essa finalidade, a Declaração do Tirol se vale de valores e códigos de conduta não escritos inerentes ao esporte e os expande para satisfazer as demandas de nosso tempo. Os valores fundamentais em que a Declaração do Tirol é baseada valem para todos os praticantes de esportes de montanha de todo o mundo – sejam eles caminhantes e andarilhos, escaladores esportivos ou montanhistas buscando estender seus limites em grandes altitudes. Mesmo que algumas das orientações de conduta sejam relevantes apenas para uma pequena elite, muitas das propostas formuladas na Declaração do Tirol são endereçadas à comunidade de esportes de montanha como um todo. Com essas sugestões nós desejamos atingir nossos jovens, pois eles são o futuro dos esportes de montanha.

A Declaração do Tirol é um apelo para que:

- Aceitem os riscos e assumam responsabilidade
- Equilibrem seus objetivos com suas habilidades e equipamentos
- Joguem por meios razoáveis e relatem honestamente
- Esforcem-se pela melhor prática e nunca parem de aprender
- Sejam tolerantes, respeitem e ajudem uns aos outros
- Protejam o caráter selvagem e natural das montanhas e paredes
- Apoiem as comunidades locais e seu desenvolvimento sustentável.



A Declaração do Tirol se baseia na seguinte **Hierarquia de Valores**:

- **Dignidade humana** – a premissa de que seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos e de que devem tratar uns aos outros em espírito de fraternidade. Atenção particular deve ser dada para equalizar os direitos de homens e mulheres.
- **Vida, liberdade e felicidade** – como direitos humanos inalienáveis e com a responsabilidade especial nos esportes de montanha de ajudar a proteger os direitos das comunidades em áreas montanhosas.
- **Proteção da natureza** – como um compromisso para assegurar o valor ecológico e as características naturais de montanhas e paredes em todo o mundo. Isso inclui a proteção de espécies ameaçadas de flora e fauna, de seus ecossistemas e da paisagem.
- **Solidariedade** – com uma oportunidade de, por meio da participação em esportes de montanha, promover trabalho em equipe, cooperação e compreensão, e superar barreiras em função de sexo, idade, nacionalidade, nível de habilidade, origem social ou étnica, religião ou crença.
- **Realização pessoal** – como uma chance de, por meio da participação em esportes de montanha, progredir significativamente em metas importantes e lograr satisfação pessoal.
- **Verdade** – como reconhecimento de que a honestidade em esportes de montanha é essencial para a avaliação de feitos. Se a arbitrariedade toma o lugar da verdade, torna-se impossível valorar a performance na escalada
- **Excelência** – como uma oportunidade de, por meio da participação em esportes de montanha, esforçar-se para atingir metas ainda inalcançadas e para estabelecer padrões mais elevados.
- **Aventura** – como reconhecimento de que, em esportes de montanha, a administração do risco por meio de avaliação criteriosa, habilidades e responsabilidade pessoal é um fator essencial. A diversidade de esportes de montanha permite a qualquer um escolher sua própria aventura, na qual habilidades e perigos estejam em equilíbrio.

OS ARTIGOS DA DECLARAÇÃO DO TIROL

AS MÁXIMAS E AS DIRETRIZES DA DECLARAÇÃO DO TIROL

Artigo 1 – Responsabilidade Individual

MÁXIMA

Montanhistas e escaladores praticam seus esportes em situações nas quais há risco de acidentes e em que a ajuda externa pode não estar disponível. Com isso em mente, eles se dedicam a essas atividades sob sua própria responsabilidade, sendo de sua conta sua própria segurança. As ações de um indivíduo não devem expor a perigo nem o próximo, nem o meio ambiente.

1. Nós escolhemos nossas metas de acordo com nossas reais habilidades ou com as da equipe e de acordo com as condições na montanha. Desistir da escalada deve ser uma opção válida.
2. Nós nos asseguramos de que temos o treinamento adequado para nosso objetivo, de que planejamos nossa escalada ou caminhada cuidadosamente, tendo providenciado as preparações necessárias.
3. Nós nos asseguramos de que estamos equipados apropriadamente em cada excursão e que sabemos como usar o equipamento.

Artigo 2 – Espírito de Equipe

MÁXIMA

Membros de uma equipe devem estar dispostos a fazer concessões para equilibrar os interesses e habilidades de todo o grupo.

1. Cada membro da equipe deve estimar seus companheiros de equipe e deve assumir responsabilidade pela



segurança deles.

2. Nenhum membro de equipe deve ser deixado sozinho se isso colocar em risco seu bem-estar.

Artigo 3 – Comunidade de Escalada & Montanhismo

MÁXIMA

Nós devemos a todas as pessoas que encontramos nas montanhas ou nas rochas uma porção igual de respeito. Mesmo em condições isoladas e em situações estressantes, nós não devemos nos esquecer de tratar os outros da maneira como queremos que nos tratem.

1. Nós fazemos tudo o que podemos para não expor os outros a perigo e nós avisamos os outros sobre perigos em potencial.
2. Nós asseguramos que ninguém seja discriminado.
3. Como visitantes, nós respeitamos as regras locais.
4. Nós não atrapalhamos ou perturbamos os outros mais do que o necessário. Nós damos passagem a grupos mais velozes. Nós não ocupamos vias que outros estejam aguardando para fazer.
5. Nossos relatórios de escaladas refletem com veracidade os eventos reais em detalhe.

Artigo 4 – Visitando Países Estrangeiros

MÁXIMA

Como convidados em culturas estrangeiras, nós devemos sempre nos comportar de forma educada e com comedimento em relação aos nativos – nossos anfitriões. Nós vamos respeitar montanhas sagradas e outros lugares sagrados, ao mesmo tempo em que buscaremos beneficiar e ajudar a economia local e os nativos. Compreensão de culturas estrangeiras é parte de uma experiência completa de escalada.

1. Sempre trate as pessoas do país anfitrião com simpatia, tolerância e respeito.
2. Cumpra estritamente qualquer regulamento de escalada implementado pelo país anfitrião.
3. É aconselhável ler sobre a história, sociedade, estrutura política, arte e religião do país a ser visitado antes de embarcar na viagem para melhorar nosso entendimento sobre suas pessoas e seu ambiente. No caso de incerteza política, busque conselho oficial.
4. É sábio desenvolver algumas habilidades básicas na língua do país anfitrião: formas de saudação, por favor e obrigado, dias da semana, hora, números etc. É sempre impressionante ver como esse investimento tão pequeno melhora a qualidade da comunicação. Dessa forma, nós contribuimos para o entendimento entre as culturas.
5. Nunca deixe passar uma oportunidade de compartilhar suas habilidades de escalada com locais interessados. Expedições conjuntas com escaladores nativos são o melhor cenário para troca de experiências.
6. Nós evitamos a todo custo ofender os sentimentos religiosos de nossos anfitriões. Por exemplo, nós não devemos mostrar pele descoberta em lugares em que isso seja inaceitável por razões religiosas ou sociais. Se algumas expressões de outras religiões estão além de nossa compreensão, nós somos tolerantes e evitamos julgar.
7. Nós damos toda assistência possível a habitantes locais em necessidade. Um médico de expedição está sempre em posição de fazer uma diferença decisiva na vida de uma pessoa extremamente doente.
8. Para beneficiar economicamente as comunidades de montanha, nós compramos produtos regionais, se viável, e nos valem dos serviços locais.
9. Nós somos encorajados a assistir comunidades de montanha iniciando e sustentando empreendimentos que favoreçam o desenvolvimento sustentável, como por exemplo os serviços de treinamento e educação ou iniciativas econômicas ecologicamente compatíveis.



Artigo 5 – Responsabilidades de Guias de Montanha e outros Líderes

MÁXIMA

Cada guia de montanha profissional, líder e membro de grupo deve entender seu respectivo papel e respeitar as liberdades e direitos de outros grupos e indivíduos. Para serem guias preparados, líderes e membros de grupos devem entender as demandas, os perigos e os riscos do objetivo, ter as habilidades necessárias, experiência e equipamento adequado, e checar o tempo e outras condições.

1. O guia ou líder informa o cliente ou o grupo sobre o risco inerente em uma escalada e sobre o nível real de perigo, e, se os participantes têm experiência suficiente, envolve-os no processo de tomada de decisão.
2. A via selecionada deve estar adequada à habilidade e à experiência do cliente ou do grupo de maneira a assegurar que a experiência seja agradável e enriquecedora.
3. Se necessário, o guia ou líder reconhece o limite de sua própria habilidade e, quando apropriado, indica colegas mais capazes para os clientes ou grupos. É responsabilidade dos clientes e dos membros de grupos deixar claro se eles acreditam que um risco ou perigo é muito grande e se o retorno ou opções alternativas devem ser seguidas.
4. Em circunstâncias como escaladas extremas e ascensões em alta montanha, guias e líderes devem informar com cuidado seus clientes e grupos para se certificarem de que todo mundo está totalmente alertado sobre os limites de suporte que guias e líderes podem prover.
5. Guias locais informam a colegas visitantes sobre as particularidades características de sua área e sobre as condições atuais.

Artigo 6 – Emergências, Morbidez e Morte

MÁXIMA

Para estarem preparados para emergências e situações envolvendo acidentes sérios e morte, todos os praticantes de esportes de montanha devem entender claramente os riscos e perigos e a necessidade de se ter habilidades, conhecimentos e equipamentos adequados. Todos os praticantes precisam estar prontos para ajudar os outros no caso de uma emergência ou acidente, e também estar preparados para encarar as conseqüências de uma tragédia.

1. O socorro a alguém em apuros tem absoluta prioridade sobre atingir objetivos que estipulamos para nós mesmos nas montanhas. Salvar uma vida ou reduzir o dano à saúde de uma pessoa ferida é muito mais valoroso do que a mais difícil de todas as conquistas.
2. Numa emergência, se ajuda externa não está disponível e nós estamos em posição de ajudar, devemos estar preparados para dar todo o suporte que podemos às pessoas em apuros, desde que seja viável sem nos expor ao perigo.
3. Deve ser proporcionado a quem esteja seriamente ferido ou moribundo todo conforto possível, bem como lhe deve ser oferecido suporte de preservação de vida.
4. Em uma área remota, se não for possível recuperar o corpo, deve ser registrada a localização da forma mais precisa possível, bem como quaisquer indicações da identidade do morto.
5. Objetos como câmera, diário, notebook, fotos, cartas e outros artefatos pessoais devem ser guardados e entregues aos familiares.
6. Sob nenhuma circunstância podem ser publicadas fotos do morto sem o consentimento prévio da família.



Artigo 7 – Acesso e Conservação

MÁXIMA

Nós acreditamos que a liberdade de acesso a montanhas e paredes de maneira responsável é um direito fundamental. Nós devemos sempre praticar nossas atividades de uma forma ambientalmente sensível e devemos ser proativos na preservação da natureza. Nós respeitamos restrições a acesso e regulamentos acordados entre escaladores e organizações de conservação de natureza e autoridades.

1. Nós respeitamos as medidas de preservação de ambientes de parede e montanha e da vida selvagem que eles sustentam, e nós encorajamos nossos companheiros escaladores a fazer o mesmo. Evitando fazer barulho, nós nos esforçamos na redução da perturbação da vida selvagem ao mínimo.
2. Se possível, nós nos locomovemos para nossos destinos usando transporte público ou outros transportes coletivos para minimizar o tráfego nas estradas.
3. Para evitar erosão e não perturbar a vida selvagem, nós permanecemos nas trilhas durante aproximações e descidas e, quando fora da trilha, escolhemos a rota menos agressiva ao ambiente.
4. Durante os períodos de acasalamento e nidificação de espécies que habitam as montanhas, nós respeitamos restrições sazonais de acesso. Logo que tomamos ciência de qualquer atividade de acasalamento, nós devemos passar adiante essa informação para outros escaladores e assegurar que eles fiquem fora da área de nidificação.
5. Durante conquistas, nós tomamos o cuidado de não ameaçar o biótopo de espécies raras de plantas e animais. Ao equipar ou reequipar vias, nós devemos tomar todas as precauções para minimizar seu impacto ambiental.
6. As conseqüências da popularização de áreas através de retrogrampeação devem ser cuidadosamente consideradas. O aumento de números pode causar problemas de acesso.
7. Nós minimizamos o dano à rocha por meio da utilização da técnica de proteção menos prejudicial.
8. Nós não apenas carregamos nosso próprio lixo de volta para a civilização, como também catamos qualquer detrito deixado por outros.
9. Na ausência de instalações sanitárias, nós mantemos uma distância adequada de casas, locais de acampamento, córregos, rios e lagos durante a defecação e tomamos todas as medidas necessárias para evitar dano ao ecossistema. Nós procuramos não agredir o senso estético das pessoas. Em áreas muito freqüentadas com um baixo nível de atividade biológica, os escaladores têm o encargo de carregar de volta suas fezes.
10. Nós mantemos o local de acampamento limpo, evitando gerar lixo tanto quanto possível ou dispendo dele adequadamente. Todos os materiais de escalada – cordas fixas, barracas e garrafas de oxigênio – devem ser removidos da montanha.
11. Nós mantemos o consumo de energia no mínimo. Especialmente em países com falta de lenha, nós evitamos ações que possam contribuir para a destruição das florestas. Em países com florestas ameaçadas, nós precisamos levar combustível suficiente para preparar comida para todos os participantes da expedição.
12. Turismo de helicóptero deve ser minimizado onde for prejudicial à natureza ou à cultura.
13. Em conflitos sobre matérias de acesso, proprietários de terra, autoridades e associações devem negociar soluções satisfatórias para todas as partes.
14. Nós temos papel ativo na implementação de regulamentos, especialmente dando publicidade a eles e implementando a infraestrutura necessária.
15. Ao lado de associações de montanhismo e outros grupos de conservação, nós somos proativos a nível político no que diz respeito à proteção de habitats naturais e do ambiente.



Artigo 8 – Estilo

MÁXIMA

A qualidade da experiência e a forma como resolvemos o problema é mais importante do que se o resolvemos. Nós nos esforçamos por não deixar rastros.

1. Nós almejamos preservar o caráter original de todas as escaladas, em especial aquelas com importância histórica. Isso significa que os escaladores não devem aumentar a quantidade de proteções fixas em vias existentes. A exceção é quando há um consenso local – incluindo a aprovação dos conquistadores – para mudar o nível de proteções fixas por meio da colocação de novas peças ou da remoção de proteções existentes.
2. Nós respeitamos a diversidade de tradições regionais e não tentaremos impor nosso ponto de vista a outras culturas de escalada – nem aceitaremos os valores de outros impostos sobre os nossos.
3. Rochas e montanhas são um recurso limitado para aventura que deve ser compartilhado por escaladores com os mais diversos interesses e por muitas gerações que virão. Nós entendemos que gerações futuras precisarão encontrar suas próprias NOVAS aventuras dentro desse limitado recurso. Nós tentamos desenvolver paredes ou montanhas de uma forma que não roube a oportunidade do futuro.
4. Em uma região em que grampos são aceitos, é desejável que sejam mantidas vias, seções de morros ou morros inteiros livres de grampos de maneira a preservar um refúgio para aventura e para mostrar respeito pelos diversos interesses de escalada.
5. Vias com proteções naturais podem ser tão divertidas e seguras para escaladores recreativos quanto vias grampeadas. A maior parte dos escaladores pode aprender a colocar proteção natural segura e todos devem ser educados para o fato de que isso proporciona aventura adicional e uma experiência rica e natural, com segurança comparável, uma vez aprendidas as técnicas.
6. Em caso de grupos com interesses conflitantes, os escaladores devem resolver suas diferenças através de diálogo e negociação para evitar que o acesso seja ameaçado.
7. Pressões comerciais nunca devem influenciar a ética de escalada de uma pessoa ou de uma região.
8. Bom estilo em alta montanha implica no não uso de corda fixas, drogas de aumento de performance ou oxigênio engarrafado.

Artigo 9 – Conquistas

MÁXIMA

A conquista de uma via ou de uma montanha é um ato de criação. Ela deve ser feita em bom estilo de acordo com as tradições da região e devem mostrar responsabilidade com a comunidade de escalada local e com as necessidades dos escaladores futuros.

1. Conquistas devem ser ambientalmente responsáveis e compatíveis com regulamentos locais, com as vontades dos proprietários dos terrenos e com os valores espirituais da população local.
2. Nós não vamos desfigurar a rocha por meio da quebra ou da adição de agarras.
3. Em regiões alpinas, as conquistas devem ser feitas exclusivamente guiando (sem peça pré-fixada acima).
4. Uma vez respeitadas as tradições locais, cabe ao conquistador determinar o nível de proteções fixas em suas vias (levando em consideração as sugestões do artigo 8).
5. Em áreas designadas como reservas selvagens ou naturais por administradores ou pelo comitê de acesso local, grampos devem ser limitados ao mínimo absoluto para preservação do acesso.
6. Cavar buracos e bater grampos durante a conquista de vias em artificial deve ser mantido em um mínimo (grampos devem ser evitados mesmo em ancoragens de paradas, a menos que sejam absolutamente necessários).
7. Vias de aventura devem ser deixadas tão naturais quanto possível, contando com proteção móvel sempre que viável e utilizando grampos apenas quando necessário e sempre sujeitando-se às tradições locais.



8. O caráter independente das vias adjacentes não deve ser comprometido.
9. No relatório de conquistas, é importante relatar os detalhes com a maior precisão possível. A honestidade e a integridade de um escalador serão presumidas a menos que haja evidência comprometedora.
10. Altas montanhas são um recurso limitado. Nós encorajamos os escaladores a utilizarem o melhor estilo.

Artigo 10 – Patrocínio, Propaganda e Relações Públicas

MÁXIMA

A cooperação entre patrocinadores e atletas deve ser uma relação profissional que sirva aos melhores interesses dos esportes de montanha. É responsabilidade da comunidade de esportes de montanha, em todos os seus aspectos, educar e informar tanto a mídia como o público de uma maneira proativa.

1. Compreensão mútua entre o patrocinador e o atleta é necessária para a definição de objetivos em comum. As muitas facetas dos esportes de montanha requerem a identificação clara da especialização tanto do atleta quanto do patrocinador para maximizar as oportunidades.
2. Para manter e melhorar seus níveis de performance, escaladores são dependentes de um contínuo suporte de seus patrocinadores. Por esta razão, é importante que os patrocinadores mantenham a cobertura de seus parceiros mesmo após uma série de falhas. Sob nenhuma circunstância pode o patrocinador pressionar o escalador a obter resultados.
3. Para estabelecer uma presença permanente em toda as mídias, canais claros de comunicação devem ser organizados e mantidos.
4. Escaladores devem se esforçar em relatar suas atividades realisticamente. Um relatório preciso melhora não apenas a credibilidade do escalador, mas também a reputação pública de seu esporte.
5. O atleta é responsável em última instância por representar ao patrocinador e à mídia a ética, o estilo e a responsabilidade ambiental estatuída na Declaração do Tirol.

O PLURALISMO DOS JOGOS DE ESCALADA

A escalada moderna abrange um largo espectro de atividades, variando desde caminhadas e escaladas em boulders a escaladas em paredes e montanhismo. O Montanhismo compreende formas extremas de alpinismo em alta montanha e expedições de escalada em grandes altitudes como os Andes ou o Himalaia. Apesar de as linhas divisórias entre as várias formas de escalada não serem de nenhuma forma rígidas, a categorização a seguir torna possível apresentar a vasta diversidade dos esportes de montanha de forma inteligível:

Caminhada e trekking

Caminhada para abrigos de montanha, colos e cumes é a forma de montanhismo mais difundida. Uma caminhada de vários dias na montanha e em outras áreas selvagens, especialmente fora da trilha batida, é muitas vezes chamada de *trekking*. Uma caminhada se transforma em uma forma de montanhismo tecnicamente mais exigente tão logo as mãos tenham que ser utilizadas para progresso.

Escalada de via ferratas

Vias em terreno rochoso íngreme equipadas com cabos de aço e degraus de ferro estão se tornando mais e mais populares. Uma arena até então reservada para escalada técnica em rocha torna-se acessível por meio de uma elaborada infraestrutura e sistemas especiais de proteção.

Montanhismo clássico

Um montanhista nesta categoria irá escalar vias de até 2.º grau e subir vertentes de neve e gelo de até 50º de inclinação. Os objetivos típicos nesta categoria são as vias normais de picos na zona alpina.

Montanhismo de esqui

Os praticantes desta forma clássica de alpinismo usam esquis alpinos ou esquis telemark para subir



montanhas ou realizar longas travessias. Devido à complexidade das habilidades requeridas, esta disciplina se classifica entre as mais exigentes – e perigosas – formas de montanhismo.

Hierarquia dos “Jogos de Escalada”

Um sistema para categorização dos diferentes tipos de escalada introduzido por **Lito Tejada-Flores** tem se mostrado útil para a descrição das muitas facetas que a escalada técnica moderna tem adquirido. Cada tipo especializado de “jogo” de escalada é definido por um conjunto informal, mas preciso, de regras formuladas de forma a tornar a tarefa à mão difícil – e por isso mais interessante. Quanto maior o perigo em um jogo de escalada específico devido ao ambiente natural, mais indulgentes as restrições para uso de equipamento técnico. Quanto menores os riscos objetivos, mais estritas se tornam as regras.

Escalada de Matacões ou Boulders

Na escalada de matacões, lances difíceis em rocha próximos ao chão são trabalhados, normalmente sem corda. O equipamento permitido é reduzido a sapatilhas, magnésio e – nos dias atuais – “crash pad”. Escalada de boulder é praticada tanto em matacões naturais e rochas quanto em objetos artificiais.

Escalada em objetos artificiais

Nos dias de hoje muitos escaladores utilizam muros artificiais para treinamento e lazer, tanto em casa, quanto em academias ou mesmo em ambientes abertos. Um número crescente de escaladores se dedica exclusivamente a muros artificiais. Há ainda novas formas como escalada terapêutica e escalada artística, como dança ou balé, por exemplo.

Escalada em falésias

Vias de um a três esticções são chamadas de falésias. Como são vias curtas e com ausência quase total de perigos objetivos, a ética da escalada livre tem ganhado aceitação internacional para esse tipo de escalada nas últimas duas décadas. Isso significa que uma via somente conta se nenhum ponto de apoio artificial tiver sido empregado para progressão durante a ascensão.

Escalada contínua

Se uma escalada é mais longa do que três ou quatro esticções, é chamada via de escalada contínua.

Escalada de grandes paredes/escalada artificial

Neste jogo de escalada desenvolvido no Vale de Yosemite, os praticantes ascendem paredes, que não podem ser escalada em livre, com equipamentos especialmente projetados. Eles se esforçam para reduzir tanto quanto possível a perfuração de buracos para a colocação de grampos ou de outros meios de progresso, dessa forma deixando o mínimo de vestígios após completar a ascensão.

Escalada alpina

No “jogo alpino”, os praticantes não apenas têm que lidar com problemas postos pela escalada em si, mas também com perigos “objetivos” do ambiente freqüentemente hostil das altas montanhas. Como a sobrevivência freqüentemente depende não apenas da habilidade de dominar com segurança os problemas técnicos da via, mas também da velocidade da cordada, as regras não escritas do jogo alpino classicamente permitem o uso de pitons e proteções móveis para progressão. Entretanto, num processo iniciado no final dos anos sessenta, os princípios de escalada livre têm sido aplicados de forma crescente às altas montanhas. Apesar de no início da nova era o foco estar centrado na escalada em livre de vias normalmente escaladas em artificial, não levou muito tempo para que novas escaladas difíceis – conquistadas de acordo com regras mais estritas – aparecessem nas montanhas. Elas incluem tanto vias de aventura extremamente audaciosas, quanto escaladas esportivas hedonísticas.

Um importante aspecto da escalada alpina é a ascensão de vias de gelo. Isso abrange desde vertentes clássicas de gelo a empreendimentos futurístico incrivelmente difíceis. Um tipo de escalada de gelo que tem se tornado popular recentemente é a ascensão de cascatas congeladas, estalactites de gelo e rochas com finas camadas de gelo. Vias mistas de rocha e gelo modernas algumas vezes envolvem movimentos muito difíceis em rocha com o auxílio de crampons e ferramentas de gelo. O jogo é governado pelas regras da escalada em livre. As vias de gelo e as mistas podem variar desde brincadeiras de um curto esticção até operações audaciosas em grandes altitudes que podem demorar muitas semanas.



Escalada de aventura e escalada esportiva

A terminologia moderna de escalada diferencia os estilos de escalada de aventura ou tradicional e de escalada esportiva. Escalada de aventura ou “*trad*” tem os seguintes elementos:

- A performance é julgada pela quantidade de resistência a estresse necessária para ascensão da via.
- O escalador é responsável pela colocação de proteção ou tem que se virar sem ela.
- Erros cometidos pelo guia podem ter conseqüências drásticas.

Escalada esportiva é caracterizada da seguinte forma:

- A performance é julgada pelo grau técnico da via escalada.
- O elemento cinestésico é dominante.
- Grampos proporcionam proteção perfeita.
- Se técnicas modernas de asseguramento forem empregadas da forma apropriada, quedas de guias tendem a não ser severamente punidas.

Os estilos de escalada de aventura e esportiva podem ser aplicados tanto a morros como a paredes alpinas.

Entre as versões puras de escalada de aventura e escalada esportiva/plaisir há numerosas forma híbridas.

Jogos e “filosofias” de segurança diferentes correspondem a necessidades individuais divergentes de escaladores. A riqueza de formas nos esportes de montanhas proporciona prazer e realização pessoal para um grande número de pessoas – um fato que nós celebramos.

Tanto os amantes da escalada esportiva quanto os seguidores da filosofia da aventura têm o direito de escalar de acordo com seus desejos e habilidades.

Deve ser nosso objetivo preservar o pluralismo dos estilos de escalada, deixando a cada um sua arena específica.

Escalada super-alpina

Esta disciplina de montanhismo aplica regras de escalada alpina a terrenos de alta montanha em picos de seis, sete e oito mil metros há muito reservados para expedições tradicionais. No jogo super alpino, cordas fixas, ajuda de fontes externas ou a instalação de uma cadeia de acampamentos e as garrafas de oxigênio são todas rejeitadas.

Escalada de expedição

Duas formas deste jogo foram desenvolvidas: A primeira variante tem a função de permitir que o máximo número de membros alcance cumes prestigiosos em altas montanhas por meio da via normal. Eles otimizam a probabilidade de sucesso por meio do uso liberal de carregadores, cordas fixas e oxigênio artificial.

Em contraste, a forma extrema de escalada de expedição emprega esforços para empurrar os limites da dificuldade técnica com a ajuda da maior parte dos equipamentos modernos, excluindo oxigênio engarrafado: cordas fixas, acampamentos em portaledge e depósitos de equipamentos.

=====

Fonte: FEMERJ – Federação de Montanhismo do Estado do Rio de Janeiro

Disponível em <http://www.femerj.org>



ANEXO 3

ÉTICA NA MONTANHA

"To Bolt or Not To Be"

Publicado pela Comissão de Montanhismo da UIAA

Tradução: André Ilha

1) Introdução

Este documento foi produzido em resposta aos apelos de associações nacionais de montanhismo por conselhos no uso de proteções fixas. As opiniões sobre este assunto são fortes (ver, por exemplo, o Boletim 3/98 da UIAA – "Montanhas em Aço e Ferro"). Algumas destas organizações estavam preocupadas com o fato de que, sem um consenso entre escaladores e montanhistas, outras instituições tentariam impor regras às nossas atividades. Em algumas regiões alpinas disputas maiores surgiram entre escaladores do tipo "plaisir" (prazer) e "puristas" – escaladores que preferem um estilo tradicional de praticar a escalada e o montanhismo. Esta disputa desencadeou um círculo vicioso de remoções, adições e novas remoções de grampos em certas vias.

Em 1998, a pedido da Comissão de Montanhismo da UIAA, os clubes alpinos da Alemanha e da Áustria, que já estavam discutindo este tópico, criaram um grupo de trabalho para rascunhar um documento balizador. Uma ampla gama de pontos de vista foi considerada pelo grupo. Além disso, informações sobre o uso de grampos no maciço do Mont Blanc foram apresentadas em encontros como o da ENSA (Escola Nacional de Esqui e Alpinismo, da França) em 12-13 de novembro de 1998.

O documento foi então apresentado no Encontro e Seminário Internacional de Escalada Invernal de 1999 em Aviemore, Escócia. Este encontro contou com mais de 100 escaladores de 28 países, que por unanimidade endossaram o documento. Ele conclama os escaladores de todo o mundo a considerarem-no detalhadamente, de tal forma que um consenso baseado na boa prática pudesse ser estabelecido e a liberdade para praticarmos nossas atividades protegida. O documento foi finalmente adotado pelo Conselho da UIAA em maio de 2000, durante o encontro de Plas y Brenin, Wales.

2) Preâmbulo

- A escalada é um esporte popular, praticado por toda a vida, caracterizado por relacionamentos humanos duradouros, contato direto com a natureza e a intensidade da atividade física. A escalada é um fator estabilizador para muitas pessoas, proporcionando-lhes um senso de objetivo. Do ponto de vista sócio-político, a escalada contribui para a saúde pública ao contrabalançar os efeitos da falta de atividade física. Além disso, psicólogos e educadores reconhecem que escalar ao ar livre reforça traços positivos de caráter como confiabilidade, senso de responsabilidade e a capacidade de trabalhar em equipe.
- Escalar montanhas dá a chance aos indivíduos – especialmente os mais jovens – de desenvolver o seu senso de responsabilidade. Esse aspecto é mais ou menos pronunciado dependendo do estilo de escalada envolvido. O grau de responsabilidade requerido numa escalada depende da quantidade de proteção na via: escalar vias de rocha com pouca proteção exige uma medida especialmente alta de ponderação por parte do escalador, para a sua própria segurança e a de seu parceiro.
- Observado o respeito pelo meio ambiente natural, o livre acesso às áreas alpinas selvagens é um direito fundamental. Possibilidades suficientes para a prática do esporte da escalada em rocha só podem ser garantidas se este direito à liberdade de movimento for garantido, e sofrer restrições apenas em casos isolados e bem fundamentados, considerados como absolutamente necessários.
- Assim como a caminhada, a escalada em rocha na Europa é um fator econômico significativo nos baixos e altos maciços montanhosos. Devido à natureza econômica de muitas dessas regiões, escaladores e familiares que com eles viajam são, freqüentemente, uma fonte essencial de renda, tanto para o abastecimento dessas áreas quanto para o decorrente comércio varejista.
- Neste documento, as medidas de atualização (redevelopment) referem-se à colocação de proteção fixa em vias de escalada em rocha em consonância com os padrões correntes de segurança técnica.



3) A Restauração de Vias de Escalada em Rocha

Na evolução da escalada em maciços montanhosos baixos, bem como nas áreas baixas dos maciços elevados, muitos escaladores desenvolveram uma predileção por vias esportivas bem protegidas, ou vias “divertidas” (fun routes). Um grande número de escaladores alpinos preferem que hajam bons grampos nas enfiadas e paradas das vias de escalada em rocha mais populares.

Por outro lado, um bom número dos escaladores que freqüentam as montanhas estão interessados na manutenção do caráter original das áreas e de suas escaladas em rocha. Eles preferem que não existam grampos, tanto parcial quanto integralmente.

A quantidade e a qualidade das proteções fixas de uma escalada em rocha é um instrumento efetivo para influenciar a sua popularidade: vias bem protegidas são repetidas mais freqüentemente do que aquelas mal protegidas. Desta forma, em áreas ecologicamente sensíveis a proteção permanente deve ser reduzida a um mínimo. Por outro lado, em áreas menos sensíveis um maior número de possibilidades para a escalada pode ser criado pelo estabelecimento de vias de rocha bem protegidas. Áreas de escalada desenvolvidas sob estas diretrizes não representam uma ameaça ao meio ambiente.

Uma pluralidade dos vários estilos de escalada é desejável e bem-vinda como uma expressão das legítimas preferências individuais dos escaladores. Para permitir esta pluralidade, nós fazemos as seguintes recomendações (grifo dos autores):

- a) As medidas de atualização devem ficar limitadas a uma seleção de vias de escalada bem freqüentadas.
- b) Certas áreas alpinas, montanhas ou partes de montanhas podem ser excluídas destas medidas como forma de reterem o seu caráter original.
- c) Vias de escalada em rocha que representam marcos na história alpina (por exemplo, a Face Norte do Eiger/via Heckmair, Laridererverschneidung, Esporão Sul do Marmolata, Pumprisse, Grandes Jorasses/Esporão Walker, Face Norte do Dru, Travessia do Grepon ou do Meije) devem ser deixadas em seu estado original. Este princípio também se aplica para as vias de escalada em rocha de grande significado local (como a via Gelbe Mauer Direta, no Untersberg, e a Fissura Batert, no Gehrensttize).
- d) Um princípio básico da atualização das escaladas em rocha é que o caráter da via deve permanecer intacto:
 - A linha da conquista não deve ser alterada.
 - Vias e enfiadas de corda individuais conquistadas “limpas” (usando apenas nuts, friends, fitas etc.) não devem receber grampos adicionais.
 - Grampos não serão colocados em trechos que podem ser feitos com material móvel por escaladores do grau daquela via.
 - Lances longos não devem ser neutralizados com grampos adicionais (não “mate” um lance longo).
 - A dificuldade de uma via não deve ser alterada através das medidas de atualização. Passagens artificiais deixadas pelos conquistadores devem continuar podendo ser feitas em artificial após a atualização. O número de proteções fixas numa via atualizada deve ser menor do que o número de peças original. Por exemplo, diversos pítons podem substituídos por um único grampo.
 - Para todas as medidas de atualização, somente material que atinja os padrões europeus e da UIAA devem ser utilizados. A atualização deve ser levada a cabo dentro dos padrões reconhecidos sob os auspícios da organização administrativa (dos escaladores).
 - Uma via não deve ser atualizada contra o desejo de seu conquistador.
- e) O método válido para atualizações em uma dada área de escalada é definido – com base nas presentes recomendações – pelos seus escaladores experientes e pelos grupos de escalada locais, se necessário em cooperação com as autoridades responsáveis. Manter o poder de decisão no nível local garante a cada área o seu próprio caráter independente. As atividades das organizações de escaladores devem ser coordenadas por um comitê supra-regional, de forma a garantir os fluxos de informações horizontais e verticais e para assegurar uma qualidade de procedimentos uniformemente elevada. Em caso de conflito, o comitê funcionará como mediador.



4) A Conquista de Escaladas em Rocha

- a)** Em regiões alpinas, as conquistas devem ser feitas exclusivamente de baixo para cima (sem pré-fixações feitas com corda de cima).
- b)** Nas áreas excluídas das medidas de atualização os grampos devem ser reduzidos a um mínimo absoluto, e deve ficar a cargo de cada conquistador(a) estabelecer o padrão da sua própria via.
- c)** Não se pode acabar com o caráter independente das vias adjacentes.
- d)** Especialmente nas zonas próximas aos vales, ou em outras partes facilmente acessíveis das montanhas, áreas especiais para escalada esportiva podem ser estabelecidas – desde que isso seja feito de uma forma ecologicamente consistente e sem obstruir outras áreas de escalada existentes. Essas medidas precisam ser aprovadas pela organização de escaladores responsável por aquela área.

Comissão de Montanhismo da UIAA

- Federação de Montanhismo do Estado do Rio de Janeiro

ANEXO 4

Representação gráfica da setorização das paredes do Complexo do Baú

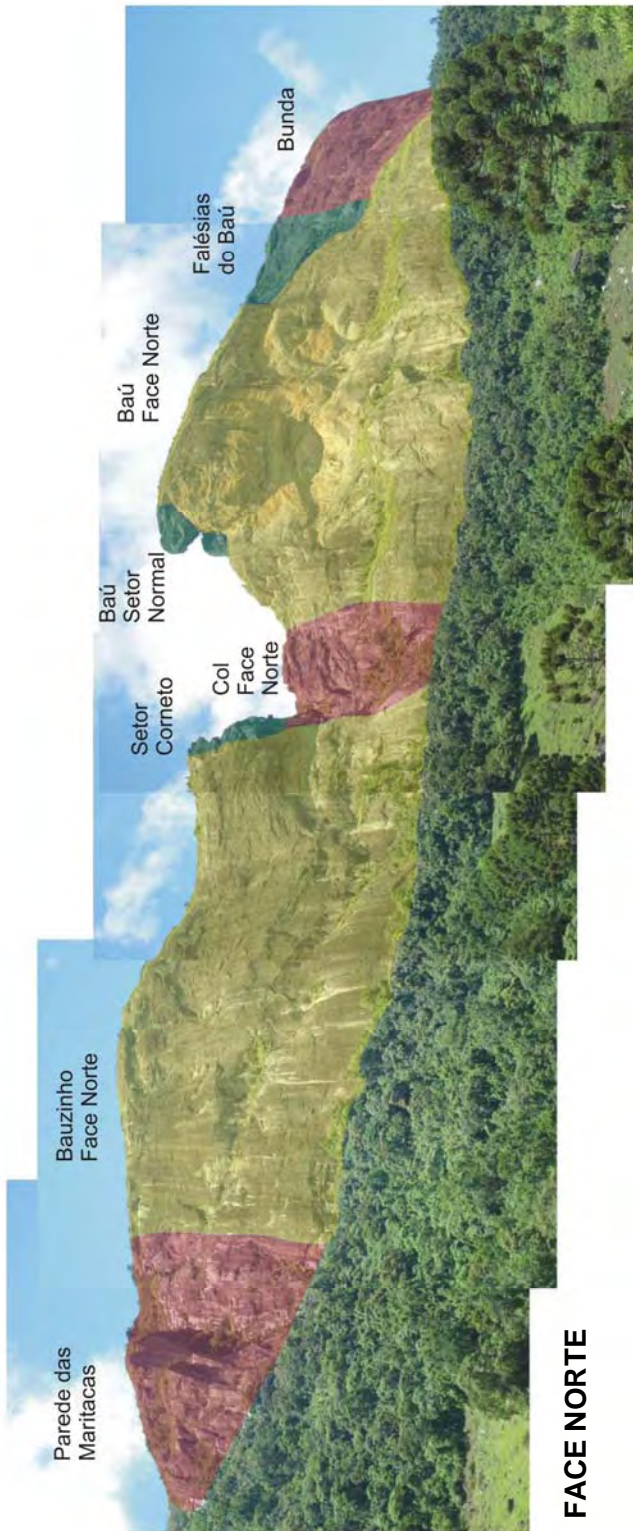


foto: Mônica Filipini

FACE NORTE

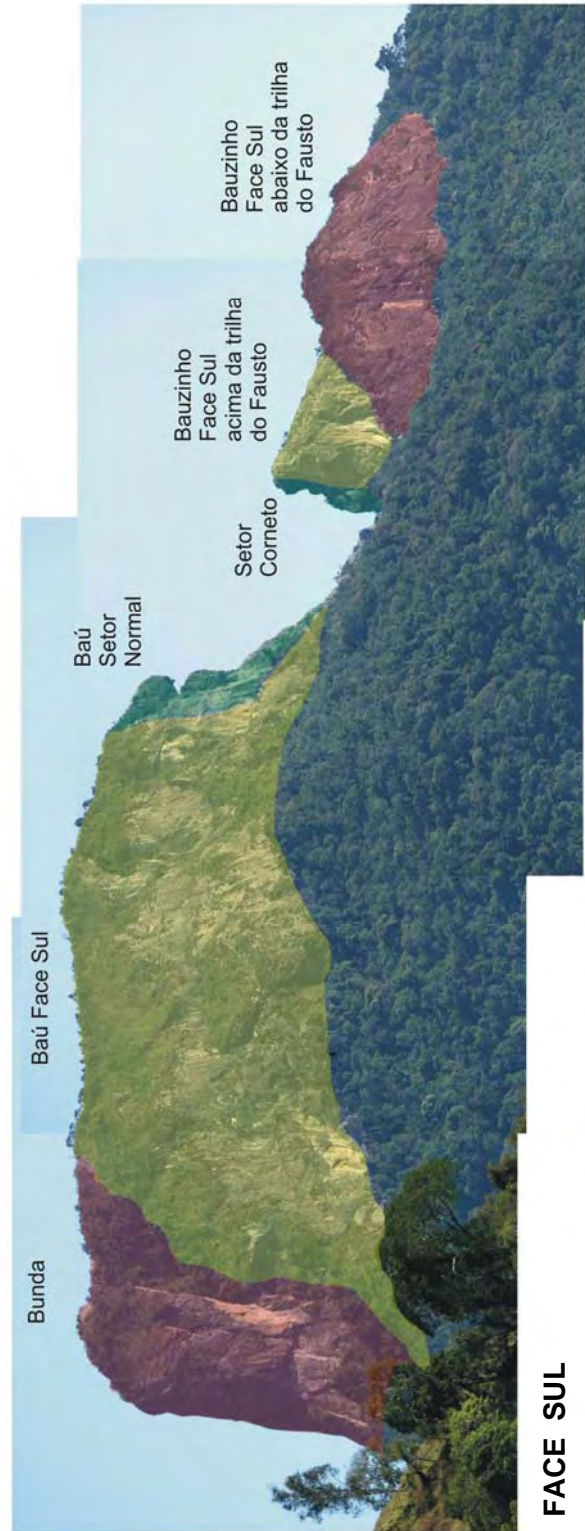


Foto: Mônica Filipini

FACE SUL



ANEXO 5 - Declarações do Clube Alpino Paulista (cartas abertas)



Clube Alpino Paulista

www.cap.com.br

São Paulo, 19 de junho de 2009

À Diretoria da
Federação de Montanhismo do Estado de São Paulo
FEMESP

Ilmo. Presidente
Sr. Silverio Nery,

Em recente correspondência deste Clube, dirigida à essa Diretoria, datada de 15 de maio de 2009, esclarecemos o tema da abertura da via de escalada Chove e Não Molha, no Complexo da Pedra do Baú, cujos conquistadores são ou foram sócios de nosso Clube.

Tal documento, que entendemos ser objetivo, claro e sucinto, pretendeu ser uma resposta à polêmica em torno da manutenção dessa e de outras vias. Também pretendeu estabelecer um marco sobre a quem compete deliberar ou permitir novos traçados sejam criados sobre tais antigas vias, sobre regrampeação e sobre manutenção de equipamento original.

Posto desta forma, e como comentários contraditórios, evasivos e estranhos foram feitos após a divulgação de nosso texto, bem como notamos a tentativa de desviar o tema e a responsabilidade sobre alterações já produzidas em "nossas" vias, retomamos nossas convicções e informações:

1. Na época da atuação de nossos alpinistas, já falecidos, Adalbert Kolpatzik e Galba Athayde não vigia o conceito de direito autoral de vias de escaladas;
2. À esse mesmo período, particularmente quando do falecimento de ambos, não havia qualquer rusga, desavença ou ruptura deles em relação ao CAP (já afirmado);
3. Em consequência, no âmbito do moderno conceito de direito autoral, o CAP afirma que todas as vias abertas por sócios (sócios ainda vivos ou já falecidos), pertencem, afirmamos, em direito de propriedade, à nossa Instituição;
4. Finalmente, o CAP desautoriza qualquer pessoa que não seja explicitamente indicada pelo Clube a atuar como "responsável" pelas vias:
 - Tudo Bem
 - Chove e Não Molha
 - Cresta do Baú
 - Normal do Baú
 - Normal do Bauzinho
 - Corneto
 - Galba Athayde
 - Lixeiros
 - Chaminé dos Coroas

Fizemos questão de esclarecer os pontos acima referidos. Contamos com a acuidade e o bom senso de toda a Diretoria da FEMESP para dirimir dúvidas sobre informações inverídicas e, portanto, insustentáveis. É nosso desejo que prevaleça a ética, a correção e a honradez na gestão das conquistas montanhísticas, quaisquer que sejam seus autores.

Cordialmente,

<original assinado>
Domingos Giobbi
Presidente do Conselho de Orientação

<original assinado>
Sergio Robles
Presidente do CAP



Clube Alpino Paulista
www.cap.com.br

São Paulo, 15 de maio de 2009

À Diretoria da
Federação de Montanhismo do Estado de São Paulo
FEMESP

Ilmo. Presidente
Sr. Silverio Nery,

Em face das discussões recentes, suscitadas no Seminário de Montanhismo do Baú, realizado em São Bento do Sapucaí em 14 e 15 de Março de 2009, acerca da “autoria” e manutenção da via de escalada *Chove e Não Molha*, a Diretoria e o Conselho de Orientação do Clube Alpino Paulista (CAP) tem a esclarecer:

1. Essa via é integrante do complexo de escaladas da Pedra do Baú, encontrando-se, especificamente no Bauzinho, localizada no Município de São Bento do Sapucaí-SP;
2. O complexo da Pedra do Baú vem sendo explorado pelos montanhistas de nosso Clube desde meados dos anos 70;
3. Desde essa época e até o final dos anos 80, foram poucos os que para além de nosso grupo puderam conhecer explorar a rocha e as trilhas daquela Pedra;
4. À época, o conceito de “autoria” da via não existia entre nós do CAP. Sabíamos que éramos poucos a escalar naquela área, logo não havia a necessidade de fixar “direito de propriedade”. Da mesma maneira, entre nós eram partilhadas as conquistas – sempre ao grupo inicial de abertura das vias eram acrescentados outros companheiros durante os longos períodos de trabalho (às vezes, três, quatro ou cinco finais de semana ao longo de um ano!);
5. Fizeram parte da abertura da via *Chove e Não Molha* os seguintes sócios e ex-sócios do CAP (todos vivos): Max Haim, Fabio Alberti Cascino (Corneto), Lao Holland (vive na Inglaterra), Luiz Eduardo Consiglio (Baixo), Cristiano Baran (Cris), Alexandre Cymbalista (Cimbá) e Luis Fernando (Lui).
6. Acrescentamos que dois de nossos mais memoráveis sócios, infelizmente ambos já falecidos, a saber, Sr Adalbert Klaus Kolpatzik e Sr. Galba Athaide não fizeram parte da abertura daquela via;
7. Nenhum dos sócios e ex-sócios vivos que participaram da abertura da Via *Chove e Não Molha* e outros colegas atuantes ou “aposentados” do CAP consultados recentemente, confirmam a informação de que, ambos saudosos alpinistas tenham, em meados dos anos 90, proposto a autorização para a manutenção dessa via (Chove e Não Molha), a colegas não integrantes de nosso Clube;
8. Ambos não “trabalhavam” naquele lado do Bauzinho – eles não enfrentavam aquelas paredes e fissuras. Inclusive, em absoluto respeito à sua memória, ambos não usavam sapatilhas de escalada, o que é fundamental para aquele nível técnico. Ambos usaram até o fim de suas vidas, botas tradicionais de escalada (em couro, semi-rígidas e com ponteiros de metal);
9. Ainda: Adi e Galba, como eram conhecidos, sempre foram Capistas militantes. Foram Presidente e Vice-Presidente por várias gestões. Adi, de origem alemã, freqüentou o CAP da chegada ao Brasil até sua morte em maio de 1995. Galba, mineiro de Ouro Preto, começou a escalar montanhas tardiamente, com mais de quarenta anos, e foi no CAP que realizou uma série de conquistas. Ambos, ao lado de Michel Bogdanowicz, também do CAP, foram os conquistadores do Pico da Neblina, em fevereiro de 1979.
10. Pessoas de personalidade e posturas firmes, não escondiam suas posições e, ao longo de toda a trajetória dentro do CAP travaram discussões, romperam amizades, combateram e se posicionaram contra ou a favor do que se apresentava, sem titubear. Não foram poucas as brigas. Contudo, ambos, quando faleceram, seguiam sócios freqüentadores do CAP;



11. Uma particularidade ressalta a atividade no CAP: A morte de Adalbert aconteceu pouco antes de um evento do Programa Antártico Brasileiro. O representante do CAP teria sido Adi. Substituí-o Peter Joseph Barry – atual Coordenador de nossa Comissão Executiva de Assuntos Antárticos (CEAA);
12. Atualmente, nenhum de nossos sócios atuantes e já presentes à época das conquistas da vias *Tudo Bem* e *Chove e Não Molha*, dentre outras, tem lembrança de qualquer delegação de qualquer sócio para a conservação ou manutenção de qualquer via no Baú. Muito menos por parte dos colegas citados para qualquer pessoa sócia ou não sócia do CAP. Que fique claro, a questão da manutenção e regrampeação de vias é um tema contemporâneo, bem mais recente que as mortes de nossos amigos;
13. A posição do CAP sobre o tema da manutenção e conservação de vias é o de serem mantidos os traçados, com a devida preservação das grampeações, respeitadas as formas originais das conquistas. A substituição de proteções, pelo óbvio da questão segurança, é condição indiscutível – que se substitua o que estiver deteriorado e inseguro;

Fizemos questão de esclarecer os pontos acima referidos. Contamos com a acuidade e o bom senso de toda a Diretoria da FEMESP para dirimir dúvidas sobre informações inverídicas e, portanto, insustentáveis. É nosso desejo que prevaleça a ética, a correção e a honradez na gestão das conquistas montanhísticas, quaisquer que sejam seus autores.

Finalmente, o CAP em seus 50 anos de existência sempre buscou fundar sua atuação em três pilares: a ousadia de abrir novas “trilhas”; o respeito às iniciativas de outros e; o coleguismo e a parceria, condição de toda segurança frente nossas atividades. Tais são os nossos pilares éticos.

Cordialmente,

<original assinado>
Domingos Giobbi
Presidente do Conselho de Orientação

<original assinado>
Sergio Robles
Presidente do CAP



ANEXO 6 Lista de participantes do Seminário

NOME	CLUBE	CIDADE
Albert Foldes	GEEU	Campinas
Aleksandro Nunes		São Paulo
Alexandre Cesar Francisco da Silva		São Paulo
Alice Uchoa	CAP	São Paulo
Ana Cristina Magalhaes Costa	AME	Belo Horizonte
Ana Elizabeth Brinco		São Paulo
Andre Berezosky		São Paulo
Andrea Petrin		São Bento
Andreas Koberle		Amparo
Armando Galassini		Jundiaí
Bernardo Collares	FEMERJ	Rio de Janeiro
Bruno Melo da Matta		São Paulo
Cassio Luiz Pereira		São Bento
Celia Serrano	F.Florestal	Campos do Jordão
Cesar Grosso	APEE	São Paulo
Cesar Tieri da Rosa		São Bento
Daniel Habib		São B do Sul
Danilo H. Kleine	FEMESP	São Paulo
David Henrique	CAP	São Paulo
Diogo Marassi		S J Campos
Douglas siqueira		São Paulo
Eliseu Frechou	CMSM	São Bento
Elizabeth Borges Frechou		São Bento
Fabiana Spina		Campinas
Fabio Alberti Cascino	CAP	São Paulo
Fabio Donola		São Bento
Fabio Galvão Borges		São Bento
Fernando Aranha		São Bento
Florisvaldo C. S. Jr.		São Paulo
Francesco Incredulo Filho		Tremembé
Hugo Yamamoto	PORVA	São Paulo
Igor Nicoli dos Santos	GPM	São Paulo
Jae Yong Kim		São Paulo
Jussara Nery	APEE	São Paulo
Kali Amaral		São Paulo
Karina Sayuri Imamura	GPM	São Paulo
Leandro de Oliveira Costa		São Bento
Luciana Maes	Bauzera	São Bento
Luciano F. C. Fernandes		São Paulo
Luis Monteiro	AME	Belo Horizonte
Luiz Afonso Coelho Brinco		São Paulo
Luiz Felipe Forbes		São Bento
Luiz Renato Lourenço		São Bento



NOME	CLUBE	CIDADE
Luiz Zingra		São Bento
Marcela Cividanes		São Paulo
Marcelo Lopes de Oliveira	APEE	São Paulo
Marcia Cristina de Oliveira Benites		São Bento
Marcio Bruno de Oliveira		São Paulo
Marcos Pires de Almeida Filho		Sorocaba
Mariana Zuquim	CEU	São Paulo
Mauricio de Sousa	APEE	S B Campo
Max Luiz Haim	CAP	São Paulo
Milton Dines	CEU	São Paulo
Monica Filipini		S J Campos
Myka M. Filho		São Paulo
Neusa Vedovato	APEE	São Paulo
Paula Costa Manso	CMSM	São Bento
Paulo de Tarso	PMSBS	São Bento
Pedro Refinetti	CEU	São Paulo
Rafael Souza		São Paulo
Reinaldo Kaizuka		São Paulo
Renato Dias	CAP	São Paulo
Ricardo Leizer	APEE	São Paulo
Roberto Luis Sponchiado	Bauzera	São Bento
Rodolfo Martins	Porva	São Paulo
Rodrigo Vasconcellos		São Bento
Rosita Belinky	APEE	São Paulo
Samantha Chu	APEE	São Paulo
Scott Gallic		São Paulo
Sergio Poyares	INEA	Rio de Janeiro
Sergio Robles	CAP	São Paulo
Silverio Nery	APEE	São Paulo
Simone Cristine Costa Souza	PMSBS	São Bento
Sylvio Gomes Junior	CAP	São Paulo
Tiago Besser		São Paulo
Tomás Gridi Papp	APEE	São Paulo
Vinicius Andrade		São Paulo
Vivian C. Ribeiro		São Paulo